

6. APRESENTAÇÃO DO TEXTO COMPLETO DA OBRA A SER EDITADA, EM FORMATO A4

MONTE RORAIMA: A MORADA DE MAKUNAIMA

AUTOR: BRUNO CLÁUDIO GARMATZ

3ª EDIÇÃO

APRESENTAÇÃO

Vivo em Roraima desde 1983 e sempre que viajo para outras regiões do Brasil de férias, ou por outro motivo qualquer, e converso com as pessoas, geralmente me perguntam onde moro. Respondo que moro em Boa Vista/Roraima e aí, invariavelmente, vem uma nova pergunta:

- Mas o que é que você faz nesse fim de mundo?

Percebo, pela pergunta um tanto quanto irônica, que é essa a visão que a maioria dos brasileiros de outras regiões do país tem sobre Roraima, o estado mais novo da federação. A maioria pensa, ou imagina, por desconhecimento, que aqui só tem mato, índio e bicho. Por sermos um estado novo e ainda parcamente habitado (pouco mais de quinhentos mil habitantes), distante dos principais centros produtores e culturais, é compreensível não desfrutarmos ainda do progresso e do desenvolvimento de outras regiões. Somos carentes de algumas coisas e, geograficamente, Roraima sofre certo isolamento por conta da imensa Amazônia que, com seus rios e matas, nos separa da Região Centro-Oeste e Nordeste, e que, por sua vez, servem de passagem às regiões Sudeste e Sul.

Mas nem por isso deixamos de ser um estado interessante. Como jornalista, fotógrafo, morador de Roraima e apaixonado pela natureza exuberante desse pedaço da Amazônia Brasileira, há algum tempo eu vinha alimentando a ideia de fazer um livro sobre o Monte Roraima e a região. E essa falta de conhecimento e discernimento sobre ela pelas pessoas de outras regiões foi um dos motivos que me fez escrever este livro, justamente para desmistificar um pouco essa visão errônea e equivocada a respeito do estado onde vivo.

As fotos que verão adiante mostram que não é bem como a maioria das pessoas pensam e nos veem. Temos muita coisa boa e bonita para mostrar e para ser apreciada por quem nos visita, ou mesmo para quem vem para ficar e adota Roraima como seu novo lar.

Usei o Monte Roraima como atrativo principal do livro, inclusive na capa, mas na verdade não queria fazer apenas um livro de fotos, mostrando as espetaculares paisagens, a flora e fauna, as águas, as formações rochosas dessa montanha que é um ícone do turismo na Região Norte do Brasil e igualmente da vizinha Venezuela, atraindo anualmente milhares de turistas de todos os cantos do planeta ao seu platô. Queria algo mais. Pensei então, por que não mostrar junto com as fotos um pouco da história do monte com seus pioneiros, das lendas que o envolvem, da geografia

da região, das cidades próximas que fazem parte desse roteiro, enfim, contar um pouco da região do entorno do monte.

A ideia começou a tomar forma em 2008, depois de uma conversa com meu amigo, artesão e designer, Irmânio Magalhães. Em janeiro de 2007 havia lançado meu primeiro livro, *Conversando com Guillermo*, ilustrado com fotos, mapas e documentos, no qual narro as andanças do costarricense Guillermo Alfaro Garbanzo (in memoriam), aventurando-se pelos caminhos das Américas ao longo de mais de três décadas (40 até começo de 70), quando chegou em Roraima e nunca mais daqui arredou pé.

Como o livro era uma produção independente, não tinha um esquema de distribuição através da editora e eu mesmo os comercializava. Dessa forma, deixei-os à venda em alguns locais, como na loja de artesanato de Irmânio, que era bastante frequentada por turistas estrangeiros que visitavam Boa Vista e ali iam à procura de camisetas e peças de artesanato para levar de lembrança. Irmânio e os vendedores de outros locais onde deixava os livros me contavam que muitos estrangeiros viam o meu livro e, folhando-o, achavam-no interessante pelas fotos e mapas, mas acabavam não comprando por ser impresso apenas em português. Também me contavam que os turistas procuravam por livros com fotos e informações sobre Roraima e não encontravam em bancas de revistas e livrarias.

Como eu já andava com a ideia de fazer um livro sobre o Monte Roraima essas informações aguçaram ainda mais a minha vontade de fazê-lo, e em dois idiomas, português e inglês, porque percebi que dessa forma poderia atingir um público maior, contemplando também os estrangeiros, que assim poderiam levar uma bela lembrança para seu país de origem. E nada melhor do que um livro para mostrar, através de fotos e textos informativos, não só a beleza ímpar do monte, mas também de outros lugares de Roraima, da Venezuela e da República da Guiana, pois fazem parte da tríplice fronteira onde se encontra o Monte Roraima.

Depois de muita pesquisa em livros e sites, da segunda subida ao monte em março de 2011 – a primeira foi em 2002 – e da batalha para se conseguir patrocínio, finalmente o projeto saiu do forno e agora está sendo apresentado aos leitores já em sua segunda edição.

Espero que gostem.

O autor

UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA

As terras que formam o estado de Roraima, nos séculos XVI, XVII e XVIII despertaram a cobiça de holandeses, espanhóis e ingleses.

Por volta de 1741, o holandês Nicholas Horstman chegou ao rio Branco através do território que é hoje a República da Guiana e desceu até o rio Negro. Notícias dessa expedição chegaram ao

conhecimento da Coroa Portuguesa e despertaram a preocupação com a área, pois confirmavam a existência de acesso e transações entre holandeses e os índios da região.

Por sua vez, os espanhóis chegaram ao território de domínio português através da Venezuela, pela cabeceira do rio Orinoco e seus afluentes. Na invasão, estabeleceram-se às margens do rio Uraricoera, onde fundaram três núcleos populacionais: Santa Rosa, São João Batista de Caya-Caya e Santa Bárbara.

Os portugueses achavam pouco provável a ocupação por parte de espanhóis por causa da dificuldade de acesso, uma vez que existia uma cordilheira entre Brasil e Venezuela. Entretanto, eles fizeram a invasão pela cabeceira do rio Uraricoera, que nasce na fronteira entre os dois países.

A partir desses fatos, a defesa e ocupação definitiva do vale do rio Branco passaram a ser uma real preocupação do governo português, tanto que em 1752 o soberano lusitano determinou a construção de um forte na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu.

Sabedores da existência de espanhóis na região do vale do rio Branco, o governo português contratou o capitão alemão Philip Sturn para expulsá-los e construir a fortaleza, que ficou pronta apenas em 1776, recebendo o nome de Forte São Joaquim do Rio Branco. A construção teve um papel importante na conquista definitiva da região do rio Branco, transformando-se na primeira repartição pública oficial, servindo também de base para a evangelização dos nativos, assim como para a moradia de um capitão Carmelita e de um pároco Capuchinho. Há registros do ano de 1780 de que cerca de 700 pessoas, grande parte delas crianças, foram batizadas na região.

Mas, apesar da existência do forte e do início da formação de fazendas de gado, o governo português não dava a devida importância à região.

De 1750 a 1800, o que ocorreu em relação à colonização foi a tentativa de aldeamento dos índios, concentrando-os em povoações como as de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara e Santa Isabel. As regras e condições eram duras e injustas para com os indígenas, não acostumados a viver desse modo. Privados de sua liberdade, os nativos se revoltaram e em 1780 a insurreição culminou no sangrento episódio conhecido como Revolta da Praia do Sangue, em que os índios foram massacrados pelos portugueses. Os que conseguiram fugir do massacre foram capturados e feitos prisioneiros, enquanto o chefe Parauijamari foi executado, para servir de exemplo aos demais. A opressão aos indígenas pelos colonizadores prosseguiu no período seguinte, compreendido entre 1800 e 1890.

O governador da Capitania do rio Negro, coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, encantou-se com a beleza dos campos naturais do rio Branco, quando visitou a região em 1789. Foi ele que introduziu o gado bovino na região, trazendo as primeiras reses, transportadas em barcos a remo, vindas de Tefé, no Amazonas. Os índios, até então, não conheciam gado bovino. Cinco anos depois, o Governo Português criou, na bacia do rio Branco, as chamadas Fazendas do Rei: São Marcos (ainda hoje existente), São José e São Bento. Esse período foi marcado pela introdução do gado bovino nos campos naturais por Lobo d'Almada, fato que acabou atraindo brasileiros de outras regiões.

Nos anos seguintes, os ingleses começaram a cobiçar a região, provavelmente a partir da guerra de 1803 entre Inglaterra e Holanda. Até então, a Inglaterra não tinha possessões na América Latina, mas acabou tomando posse da região do Essequibo, Demerara e Berbice, na costa norte da América do Sul, antes do domínio holandês.

Em 1835, com a autorização do governo do Brasil, o alemão Robert Schomburgk, a serviço da Coroa Britânica, entrou em território brasileiro através do rio Tacutu com o propósito oficial de estudar este divisor natural entre o Brasil e a Guiana Inglesa. Schomburgk, através de relatórios

enviados à Londres, sugeriu que as terras por ele visitadas pertenciam à Inglaterra, quando na verdade estava dentro do vale do rio Branco e seus afluentes, em território brasileiro. Chegou a elaborar um mapa, indicando uma nova fronteira para a região. A Coroa Inglesa, acreditando no seu emissário, deu ordens para que se colocassem marcos demarcatórios nas terras que Schomburgk julgava pertencerem à Inglaterra. Ainda hoje é possível encontrar alguns desses marcos nos rios Maú, Cotingo e Surumu, pertencentes à bacia do rio Branco.

Em 1841, frei José dos Santos Inocentes alertou as autoridades brasileiras de que os ingleses estavam colocando marcos divisórios além dos limites fronteiriços do Brasil com a Guiana. A ousadia de Schomburgk resultou numa questão diplomática envolvendo os limites entre a colônia inglesa e o Brasil, que se arrastou até 1903, quando a disputa foi submetida ao rei Vitória Emanuel III da Itália, que serviu de mediador, sendo o Brasil defendido por Joaquim Nabuco. O rei da Itália deu veredicto favorável à Inglaterra, estabelecendo como limite entre os dois países o rio Tacutu, fazendo com que através dessa sentença o Brasil perdesse 19.630 km² de terras para a Inglaterra. O episódio ficou conhecido como a questão do Pirara.

Antes disso, em 1877, a região Nordeste do Brasil era assolada por uma grande seca e muitos nordestinos, fugindo dela, vieram se aventurar na região Norte, em terras do vale do rio Branco. Os novos colonizadores dedicaram-se principalmente à atividade pecuária, limitando-se a criar o gado solto no campo, nas terras que julgavam devolutas. Com mão de obra escassa, os novos colonizadores dependiam dos índios para as lides do campo, os quais acabaram se tornando bons vaqueiros.

O gado criado extensivamente nos campos naturais do vale do rio Branco era vendido em Manaus e transportado em barcos chamados batelões durante o inverno, época em que o nível das águas subia e oferecia condições para que as embarcações não encalhassem nos bancos de areia que se formavam no verão e nas corredeiras do Bem Querer, em Caracaraí. Em troca dos bois, os fazendeiros recebiam dos “aviadores” (grandes comerciantes de Manaus) as mercadorias de que necessitavam para a sua manutenção anual.

Dessa época em diante, o forte São Joaquim entrou em decadência e dos pequenos povoados antigos, apenas um sobreviveu. O capitão Inácio Lopes de Magalhães, ex-comandante do forte, criou a fazenda Boa Vista e em sua volta surgiu um pequeno povoado, que em 1858 passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora do Carmo da Boa Vista do Rio Branco. Lopes de Magalhães é considerado o fundador da capital de Roraima.

Foi o primeiro núcleo populacional caracteristicamente urbano e no dia 9 de julho de 1890, pelo Decreto Estadual nº 49, a freguesia foi elevada à categoria de município pelo governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy. A instalação do município de Boa Vista do Rio Branco, feita em nome do governador pelo capitão Fábio Barreto Leite, ocorreu em 25 de julho do mesmo ano.

Em 1938, uma lei amazonense alterou o nome de Boa Vista do Rio Branco para Boa Vista e em 13 de setembro de 1943, pelo decreto nº 5.812, o Município de Boa Vista se desmembrou do Estado do Amazonas, passando à condição de Território Federal, com o nome de Território Federal do Rio Branco, durante o governo do presidente Getúlio Vargas.

O primeiro governador do novo território foi o capitão Ene Garcez dos Reis e Boa Vista passou a condição de capital do território em 1944. O nome do novo território (Território Federal do Rio Branco) passou a criar confusão na destinação da correspondência dos correios, com Rio Branco, a capital do Acre.

Por essa razão, em 1962, pela lei nº 4.182, promulgada pelo Congresso Nacional em 13 de dezembro, ocorreu a mudança do nome do território, que passou a se chamar Território Federal de Roraima.

Em 1988, com a promulgação da Nova Constituição Federal, foi criado o Estado de Roraima, instalado em 1º de janeiro de 1991, com a posse do primeiro governador eleito, Ottomar de Sousa Pinto.

Quanto à geografia, o Estado de Roraima tem uma superfície de 225.116km² e divide-se atualmente em quinze municípios. Faz fronteira ao sul com os Estados do Amazonas e Pará; a oeste com o Estado do Amazonas e com a Venezuela; ao norte com a Venezuela e a leste com a República da Guiana e o Estado do Pará. Ao sul predominam as matas da floresta amazônica com algumas áreas alagadiças. A oeste, a região é montanhosa e coberta de selva, onde se localiza a Reserva Yanomami com seus mais de nove milhões de hectares. Ao norte, é onde se localizam as serras mais altas, sendo em parte cobertas por selva e parte por savanas. A leste, ao longo da fronteira com a Guiana, predomina a selva mais ao sul, e a savana mais ao norte. A fronteira com a República da Guiana é delimitada pelos rios Tacutu¹ e Maú, sendo que o Tacutu é o único rio do estado cujas águas correm no sentido sul/norte, até receber as águas do Maú, enquanto os demais correm ao contrário. Depois, ele vai ao encontro do Uraricoera para, juntos, formarem o rio Branco, a cerca de 30km ao norte de Boa Vista.

O Branco é o maior rio de Roraima. Com uma extensão de 548km, é formado pela confluência dos rios Uraricoera e Tacutu e suas águas correm na direção norte/sul até desembocarem no rio Negro, que por sua vez, junto com o Solimões, forma o gigante Amazonas. No verão o rio Branco seca muito e fica navegável somente até Caracaraí, onde se localiza a corredeira do Bem-Querer, a qual impossibilita o acesso até Boa Vista a barcos maiores, o que ocorre somente no período do inverno ou das chuvas (abril a setembro), quando o leito chega a subir mais de cinco metros e permite a navegação até a capital.

A região central do estado é coberta por savanas, popularmente chamadas de “lavrados”, com uma área de 44.000km². Roraima é o estado brasileiro com a maior população indígena do país, estimada em mais de 60 mil, divididos em dois Distritos Sanitários: 1 - Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomani e Yecua (2016 - 14.608 índios). 2 - Distrito Sanitário Especial Indígena do Leste de Roraima, com 7 etnias: Macuxi, Wapixana, Ingaricó, Patamona, Taurepang, Saporá e Wai Wai (2016 - 46.144 índios).

Grande parte do estado é coberto por reservas e parques: Reservas Yanomami, Raposa-Serra do Sol, São Marcos, Waimiri-Atroari, Wai-Wai, Jacamim, Trombetas-Mapuera, Parque Nacional do Monte Roraima, Parque Nacional do Viruá, Parque Nacional da Serra da Mocidade, Estação Ecológica da Ilha de Maracá, Estação Ecológica de Niquiá, Estação Ecológica de Caracaraí e Floresta Nacional de Roraima, além de várias áreas pertencentes ao Exército, entre elas a da Serra do Tucano.

¹ É possível encontrar nos livros de geografia e história a grafia do nome do rio Tacutu também como rio Itacutu.

BOA VISTA

A Boa Vista dos dias atuais não guarda mais quase nada da cidade provinciana de décadas atrás. Com uma população já acima de trezentos mil habitantes e expectativas de crescimento cada vez maiores, a capital de Roraima tornou-se um centro universitário e com a implantação da ZPE (Zona de Processamento de Exportação) e da ALC (Área de Livre Comércio), abre-se um leque de oportunidades de negócios para empresários que queiram investir no extremo norte brasileiro. Boa Vista é a única capital de estado situada totalmente acima da linha do Equador.

As avenidas largas e bem arborizadas, as inúmeras praças, as construções modernas, o comércio variado e o aeroporto reformado e bem aparelhado, demonstram que a cidade vai ao encontro do seu destino, que é o de ser uma das maiores e melhores cidades da Amazônia brasileira.

A mistura de raças que compõe a população boa-vistense resultou numa cidade cosmopolita, de cultura diversificada. As festas de origem nordestina - sua maior colônia de imigrantes - têm forte apelo junto à população no estado todo, principalmente as festas juninas. O boi-bumbá e as cirandas amazônicas são outro atrativo nas festas populares e até mesmo a tradição gaúcha está fortemente representada através do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Nova Querência.

Na música, o forró, o reggae, o pagode, o rock, o sertanejo, a eletronic music, MPB (música popular brasileira), o brega e o samba, fazem parte do gosto musical no dia-a-dia dos boa-vistenses.

Um espetáculo da cultura popular se torna mais grandioso a cada ano que passa. São as “Festas Juninas”, organizadas tanto pela Prefeitura como pelo Governo do Estado, onde os grupos folclóricos chamados de “Quadrilhas Juninas” disputam durante vários dias prêmios em dinheiro e a honra de conquistar o primeiro lugar no concurso de quadrilhas, tal como ocorre nos desfiles de escolas de samba do Carnaval. As Festas Juninas em Boa Vista atraem mais público que o Carnaval. Milhares de pessoas comparecem à Praça do Centro Cívico e ao Parque Anauá durante os dias de festejos para assistirem não somente às apresentações das quadrilhas, mas também shows variados, com artistas locais e de outros estados, brincadeiras com palhaços para as crianças, se deliciar nas barracas com comidas típicas e visitar estandes de empresas, ou comprar pequenos objetos e peças de artesanato num variado comércio informal. As Festas Juninas ocorrem sempre nos meses de junho e julho e duram em média de sete a dez dias.

Outra festa popular que a cada ano que passa atrai mais gente é o “Festival das Araras”. Assim como em Parintins, no estado do Amazonas existe o Festival do Boi, onde os grupos folclóricos Boi Caprichoso e Boi Garantido competem em rivalidade, em Boa Vista existe o Festival das Araras, onde a Arara Azul e a Arara Vermelha rivalizam entre si. Cada grupo folclórico tem a sua torcida, barulhenta e calorosa, que comparece nos dias das apresentações para torcer por sua agremiação. As encenações e danças apresentadas remetem aos rituais indígenas, às lendas e mitos amazônicos. A indumentária usada pelos participantes é rica em cores e adereços. Ao som de toadas e muita luz, os grupos folclóricos transformam as apresentações em verdadeiros espetáculos teatrais, multicoloridos e fascinantes aos olhos de quem assiste. O Festival das Araras acontece quase sempre no final de agosto, no parque Germano Sampaio.

O Instituto Boa Vista de Música (IBVM) foi criado por meio da Lei Municipal nº 831, em 15/09/2005, como Organização Social e tem como finalidades sociais o ensino gratuito de música, a inclusão social, a promoção da cidadania e o desenvolvimento artístico cultural de crianças e adolescentes. Atende jovens de inúmeros bairros da cidade que se encontram em situação de vulnerabilidade social, contribuindo com a formação intelectual e profissional através do aprendizado musical. Fazem parte do Instituto a Banda Infante-Juvenil, a Orquestra Sinfônica Infante-Juvenil, a Orquestra de Violões, o Grupo de Canto Coral e Flauta Doce, o Projeto Inclusão em Sol Maior e o Projeto Música Que Acolhe direcionado à primeira infância. Seguindo essa filosofia, o IBVM atendeu até agosto de 2018 a 698 indivíduos dentro de seus variados projetos. Os eventos do IBVM acontecem em sua maioria em locais democráticos, como praças públicas, escolas e salas de espetáculos nos mais diversos bairros da cidade de forma gratuita, fazendo com que indivíduos tenham acesso pela primeira vez a espetáculos musicais de qualidade.

Há mais de quinze anos vem se desenvolvendo também, e com um público cada vez maior, um projeto de incentivo pela música clássica, que culminou recentemente com a criação da Orquestra Sinfônica de Roraima. Esporadicamente ela se apresenta em eventos e praças públicas para um público cada vez mais cativo.

A música e a poesia regionais usam elementos como a natureza, as tradições e a cultura indígenas em seus temas, principalmente através do Grupo Roraimeira, movimento criado pelos poetas, músicos e cantores Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa há mais de vinte anos, com o intuito de divulgar a cultura local.

A culinária regional tem forte influência nordestina e indígena, e os peixes fazem parte permanentemente do cardápio da população. A farinha de mandioca é também item quase que obrigatório, sempre presente na mesa do roraimeiro. É possível encontrar na cidade restaurantes servindo os mais variados pratos e sabores, desde comida a quilo, peixes, massas e pizzas, comida japonesa, comida árabe, comida regional, churrasco, comida mineira, comida alemã, fast-food, etc...

A rede hoteleira dispõe atualmente de centenas de leitos, desde simples pousadas à hotéis quatro estrelas.

Há ainda muitas atrações turísticas no estado, como a Serra do Tepequém, a belíssima região de Uiramutã no norte do estado, a Pedra Pintada, um monolito de granito com 40m de altura onde são encontradas inscrições rupestres de antigos povos que habitaram a região do rio Parimé.

Na região do baixo rio Branco existe dois hotéis³ de selva, com pista de pouso e todo conforto da vida moderna, para os amantes da natureza e da pesca esportiva. Para quem quiser conhecer a Guiana, estamos apenas a 120 km da fronteira. Bonfim, no Brasil, e Lethem, na Guiana, são separadas pelo rio Tacutu e unidas por uma ponte inaugurada recentemente. Lethem se tornou um centro de compras para os brasileiros, que vão até o país vizinho em busca de mercadorias importadas e com preços acessíveis.

Por tudo isso, Roraima e Boa Vista geralmente surpreendem quem vem visitá-los. Seja bem-vindo!

IBVM - Instituto Boa Vista de Música - Boa Vista Music Institute

O Instituto Boa Vista de Música (IBVM) foi criado por meio da Lei Municipal nº 831, em 15/09/2005, como Organização Social e tem como finalidades sociais o ensino gratuito de música, a inclusão social, a promoção da cidadania e o desenvolvimento artístico cultural de crianças e adolescentes.

Atende jovens de inúmeros bairros da cidade que se encontram em situação de vulnerabilidade social, contribuindo com a formação intelectual e profissional através do aprendizado musical. Fazem parte do Instituto a Banda Infante-Juvenil, a Orquestra Sinfônica Infante-Juvenil, a Orquestra de Violões, o Grupo de Canto Coral e Flauta Doce, o Projeto Inclusão em Sol Maior e o Projeto Música Que Acolhe direcionado à primeira infância. Seguindo essa filosofia, o IBVM atendeu até agosto de 2018 a 698 indivíduos dentro de seus variados projetos. Os eventos do IBVM acontecem em sua maioria em locais democráticos, como praças públicas, escolas e salas de espetáculos nos mais diversos bairros da cidade de forma gratuita, fazendo com que indivíduos tenham acesso pela primeira vez a espetáculos musicais de qualidade.

MADEIRA - Lumber

O setor madeireiro no estado de Roraima é, e sempre foi, um segmento de extrema importância para a economia do estado.

O setor de base florestal (extração de madeira) localiza-se principalmente no sul do estado, região de densas florestas pertencentes à chamada “grande floresta amazônica”. Entre 1997 a 2018 a madeira foi um dos itens mais exportados pelo estado, sendo seus destinos principais a Venezuela, Países Baixos, França e Itália, entre outros.

A partir de 2009 houve uma queda drástica nas vendas por conta de alguns calotes sofridos pelos exportadores, mas em 2014 as exportações voltaram a crescer devido às mudanças de mercado ocorrido, com a venda de madeira para vários países europeus.

Em 1997 foi vendido (valores em dólares) \$ 682.229,00. No pico de vendas em 2008 foi exportado \$ 8.426.262,00. Com a queda das exportações, em 2014 caiu para \$ 1.388.685,00, mas voltou a crescer novamente nos anos seguintes e em 2018 as vendas foram de \$ 2.158.844,00.

Vendas em m³ :

1986 a 1989 = 185.630 m³

1990 a 1999 = 203.623 m³

2000 a 2009 = 3.062.270 m³

2010 a 2017 = 2.151.060 m³

Hoje, com as restrições ao desmatamento na Amazônia através de leis ambientais e de campanhas de preservação, a madeira tornou-se uma espécie de vilã junto aos órgãos fiscalizadores governamentais e aos poucos vai sendo substituída por vários materiais mais em conta, tais como o ferro, o plástico e outros materiais sintéticos, tanto na construção civil como na indústria moveleira.

ESTADO BOLÍVAR

UM POUCO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA

É quase impossível falar do monte Roraima sem falar do estado Bolívar, um dos 23 estados da Venezuela, pois é nele que está inserido o Parque Nacional Canaima e dentro do qual se localiza o monte. Bolívar, com uma área de 238.000km², é o maior estado do país, ocupando 26,24% do território venezuelano.

A primeira incursão do homem branco na região da Guayana (estado Bolívar) foi realizada por Diego de Ordaz, em 1531, chegando até as cercanias da serra de Imataca. Em 1587, Antonio de Berrío partiu de Casanare (Colômbia) e chegou até a ilha de Atures, no rio Orinoco, estabelecendo um casario nas serras de Parguaza, Caipo e Suapure, que se constituiu na primeira povoação da Guayana. Porém, as enfermidades e os ataques dos índios dizimaram o povoado. Em 21 de dezembro de 1595, Berrío fundou Santo Tomé (ou Santo Tomás) de Guayana, às margens do Orinoco, que mais tarde transformou-se na capital, Ciudad Bolívar, e serviu de ponto de resistência para as tropas comandadas por Bolívar no século XIX. Foi também em Ciudad Bolívar que foi criado o primeiro jornal da Venezuela: El Correo Del Orinoco, em 1818.

Quem visitar Ciudad Bolívar não deve deixar de visitar as antigas construções e casarões do centro histórico e o Paseo Orinoco, uma bonita alameda arborizada, à beira do grande rio da Venezuela. Outro atrativo é a ponte pênsil Angostura, sobre o rio Orinoco, construída em 1967, com um vão de 712m suspenso por grossos cabos de aço e apoiados em apenas dois pilares em cada margem do rio.

Imperdível também é uma visita ao museu Jesus Soto, com centenas de obras do maior artista plástico da Venezuela, falecido em 2005.

O nome do estado é em homenagem ao libertador Simón Bolívar, herói maior do povo venezuelano. Banhado pelo rio Orinoco, ao norte faz fronteira com os Estados de Delta Amacuro, Monagas, Anzoátegui e Guárico. Ao sul, com o Brasil e Estado Amazonas². A leste, com o Estado Delta Amacuro e Zona en Reclamación, que separa a Venezuela da República da Guiana. A oeste, com os Estados Apure e Amazonas.

² A Venezuela também tem um estado chamado “Estado Amazonas”.

Fazendo parte do chamado “Escudo Guayanés”, o estado Bolívar apresenta quatro tipos de relevo.

1 - Terras baixas ou savanas: vão desde as margens do Orinoco até alturas não maiores que 300m.

2 - A grande savana: com alturas que variam de 700 a 1.400m, e onde se encontram os famosos tepuyes, com quedas d’água espetaculares e paisagens maravilhosas.

3 – As serranias: onde podemos destacar a Serra de Imataca, perto de El Callao e Guasipati, com altura não superior a 800m. Serra de Nuria, com altura similar a primeira e, ambas, com enormes jazidas de ferro. Serra de Maigualida, na divisa com o estado Amazonas. Serra de Pacaraima, que serve de fronteira com o Brasil e cujo ponto mais alto é o Cerro Chanaro, com 1.680m.

4 – Os tepuyes: fazem parte das primeiras formações geológicas da terra. O monte Roraima é o mais alto, com 2.734m, sendo o ponto culminante do estado. Destacam-se ainda o Camacaibari-tepuy com 2.600m; o Auyan-tepuy com 2.460m, onde se encontra o salto Churún-Merú, mais conhecido como salto Ángel, com seus 979m de altura. O Chimantá-tepuy, Acopán-tepuy e o Kukenán-tepuy também fazem parte da paisagem da Gran Sabana.

Coberto em grande parte por florestas e savanas, o estado tem um grande potencial hidrelétrico, principalmente através do rio Caroni, afluente do Orinoco, onde estão construídas as usinas de Guri e os complexos de Macagua I e II. Seu solo é também rico em minérios, entre eles: ferro, bauxita, alumínio, ouro e diamantes.

As principais indústrias mineradoras e siderúrgicas da Venezuela estão instaladas em Ciudad Guayana, formada pela junção de Puerto Ordaz com San Félix, tornando-a a mais populosa do estado. Mas, sem dúvida, o que mais atrai as pessoas ao estado Bolívar são as suas belezas naturais, fazendo com que o turismo seja um dos carros chefes do seu desenvolvimento. Quem parte de Ciudad Bolívar para conhecer a Gran Sabana passa por várias cidades antes do seu destino final. Puerto Ordaz, San Félix, Upata, Guasipati, El Callao, Tumeremo e Las Claritas, todas à margem da carretera que atravessa o estado no sentido norte/sul, antes de se chegar a Santa Elena, na fronteira do Brasil.

O parque Canaima, com seus três milhões de hectares e suas inúmeras atrações (Salto Ángel, Monte Roraima, Salto Kamá-Meru, Aponwao, Quebradas de Jaspe, Kawanayén e outras) faz com que ele seja um dos destinos preferidos dos turistas de várias partes do mundo.

Santa Elena de Uairén, última cidade venezuelana antes da fronteira com o Brasil, é um centro hoteleiro, de comércio e de serviços que recebe os visitantes desejosos de conhecer e desfrutar das belezas da Gran Sabana e suas inúmeras atrações.

REPÚBLICA DA GUIANA

UM POUCO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Localizada ao norte da América Latina, banhada pelo oceano Atlântico e fazendo divisa com a Venezuela a oeste, a sudoeste e sul com o Brasil, e a leste com o Suriname - a Guiana - como é popularmente conhecida, foi originalmente ocupada pelos espanhóis e mais tarde pelos holandeses, com suas colônias de Berbice, Demerara e Essequibo.

Em 1796 foi tomada pelos ingleses e oficialmente cedida em 1814, tornando-se colônia em 1831, fazendo parte da Commonwealth, denominada de Guiana Inglesa. Conseguiu sua independência em 1966, passando a chamar-se oficialmente República Cooperativista da Guiana e hoje somente República da Guiana.

A Venezuela mantém uma disputa fronteiriça com a Guiana há muito tempo, reivindicando cerca de 70% de seu território, a oeste do rio Essequibo, o principal do país. No mapa da Venezuela essa porção de terra aparece como “Zona de Reivindicação”, fazendo parte do mesmo.

Na época da colônia, as autoridades encontravam dificuldades para recrutar trabalhadores braçais para as plantações de cana-de-açúcar entre os índios, substituindo-os por escravos vindos da África. Com a abolição da escravidão em 1837, trabalhadores indianos substituíram os negros nas plantações do interior, formando assim os dois principais grupos étnicos do país. Há ainda colônias de chineses, árabes, portugueses e brasileiros, estes principalmente nos garimpos de ouro e diamante. A língua oficial é o inglês, mas um dialeto crioulo é bastante difundido, além das línguas nativas dos imigrantes.

O país é pouco povoado e as cidades se concentram na faixa litorânea. A capital, Georgetown, construída abaixo do nível do mar, com seus diques e canais para retenção das marés, ainda guarda construções e casarões da época colonial.

O país é bastante plano, com uma extensa planície costeira, pequenas elevações no interior e culmina com as montanhas altas do sul e oeste, nas fronteiras de Brasil e Venezuela. O clima é quente, úmido e uniforme. Há um período de seca, que vai de setembro a fevereiro/março.

Quatro rios principais cortam o país de sul a norte, desembocando todos no Atlântico: Courantyne, Berbice, Demerara e Essequibo. Uma de suas maiores atrações turísticas é a cachoeira de Kaeiteur, com 226 m, no rio Potaro.

Para promover a integração entre o Brasil e a Guiana, em 14 de setembro de 2009 foi inaugurada a ponte sobre o rio Tacutu, que faz fronteira entre os dois países, unindo Bonfim, do lado brasileiro, com Lethem, no lado guianense. O comércio de Lethem atrai muitos boa-vistenses ao país vizinho, com seus produtos importados e preços acessíveis, o que fez com que a cidade crescesse bastante nos últimos anos.

Durante visita do presidente Lula, assinou-se em Georgetown um documento de parceria entre os dois países com a finalidade de construir, por parte do governo brasileiro, uma estrada pavimentada unindo Lethem ao porto de Georgetown, criando, dessa forma, um corredor de exportação de produtos brasileiros a partir, principalmente, dos pólos de Manaus e Roraima, com destino aos mercados europeus, caribenhos e norte-americanos. Esse novo corredor de exportação encurtará em milhares de quilômetros a distância dos centros consumidores e, conseqüentemente, diminuirá o custo das exportações.

REPÚBLICA DA GUIANA

Guiana, ex-colônia britânica, está em franco progresso econômico devido à exploração de petróleo. O país se tornou o mais rico da América do Sul e deve ser o que mais crescerá no mundo nos próximos anos. A Guiana está em desenvolvimento econômico acelerado, impulsionado pela produção de petróleo. O país tem grandes reservas de petróleo, além de ouro, diamantes e gás. Até então, a Guiana tinha uma economia baseada na agricultura de subsistência, mineração de ouro e diamantes e extração de madeira. A partir de 2019, as receitas do petróleo passaram a turbinar o Produto Interno Bruto (PIB) do país. Antes, a economia da Guiana era baseada no setor primário, os principais produtos agrícolas eram e ainda são a cana-de-açúcar, mandioca, frutas e arroz. A mineração é uma atividade muito importante para a economia nacional, sendo a bauxita, o produto de maior destaque.

A Guiana está localizada no extremo norte da América do Sul, seu território faz fronteiras com o Brasil (ao sul), Venezuela (a oeste) e Suriname (a leste), além de ser banhado pelo oceano Atlântico (ao norte). A maior parte do território é um planalto baixo, coberto por florestas e privilegiado em recursos hídricos. A região litorânea é a que possui maior concentração populacional. Sua capital é Georgetown.

A cidade foi fundada em 1781 por britânicos, com o nome de Georgetown, porém tomada pelos Franceses em 1784, chegando a controle neerlandês em 1784, quando foi chamada de *Stabroek*. No entanto, foi rebatizada Georgetown em 1812, depois que os britânicos ocuparam a colônia durante as Guerras Napoleônicas. Georgetown permaneceu como capital da Guiana Britânica até sua independência, em 1966, quando tornou-se a atual capital do novo país.

Georgetown tem um clima quente de floresta tropical durante todo o ano. A umidade relativa flutua ao longo do ano, com as maiores ocorrendo em maio, junho, agosto, dezembro e janeiro; esses meses são geralmente a parte mais chuvosa do ano. Entre os meses de setembro a novembro, a umidade relativa é menor, inaugurando a estação mais seca.

Georgetown não tem realmente uma estação seca - a precipitação mensal em todos os 12 meses é superior a 60 milímetros. Devido à sua localização, as temperaturas de Georgetown são moderadas pelos ventos alísios do nordeste soprando do Atlântico Norte e, portanto, raramente vê temperaturas acima de 31 graus Celsius. Georgetown, tem vários atrativos, incluindo museus, jardins, pontos de interesse e locais para compras. Cidade com várias curiosidades, como a língua oficial, a origem da população e as belezas naturais. É a maior cidade da Guiana, está localizada na foz do rio Demerara, conhecida como "Cidade Jardim do Caribe". Possui arquitetura de influência colonial britânica e Holandesa, é um centro de varejo, administração, serviços financeiros e sede do Secretariado da Comunidade Caribe (Caricom).

"Um bom lugar para morar e empreender".

MONTE RORAIMA

UM POUCO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Roraima, ou Roro-imã na língua dos índios Taurepang, quer dizer “montanha verde-azulada”. Na Venezuela, os Pemóns, indígenas habitantes da Gran Sabana, denominam as formações rochosas como o monte Roraima de “Tepuyes”, cujo termo quer dizer mesa, por serem achatadas na parte superior.

Segundo consta na maioria dos livros antigos de geografia, o monte Roraima tem 2.875m de altitude em relação ao nível do mar. Porém, em 2005, o IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em parceria com o IME (Instituto Militar de Engenharia) e através do Projeto Pontos Culminantes fez uma nova medição com o auxílio de GPS e constataram que o Monte Roraima tem exatos 2.734,06m, tornando-se dessa maneira o sétimo ponto mais alto do Brasil.

O monte fica localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e República da Guiana. O Marco Tríplice das três fronteiras (Ponto de Tríplice Fronteira), implantado sobre o platô em 1931 pelo militar brasileiro Marechal Rondon, funciona como um divisor de águas. Coube à Venezuela cerca de 80% do platô, fazendo parte do Parque Nacional Canaima, dentro do estado Bolívar, na região sul desse país. À República da Guiana coube em torno de 15% e o Brasil ficou com a parte menor, apenas 5%.

A parte brasileira está inserida dentro do Parque Nacional do Monte Roraima, enquanto que a parte da Guiana encontra-se localizada dentro da região 7, chamada de Cuyuni-Mazaruni, uma das dez regiões em que se encontra dividido administrativamente o país vizinho.

No começo de 2010, três alpinistas de São Paulo (Eliseu Frechou, Márcio Bruno e Fernando Leal) escalaram o monte Roraima pelo lado da Guiana, na parte chamada de proa. Por causa do mau tempo, tiveram grande dificuldade para alcançar o topo, levando 12 dias para alcançar o objetivo. Durante a escalada tiveram que permanecer durante alguns dias acomodados em um pequeno platô de pedra de 1mx4m à beira do abismo, até o tempo melhorar, enfrentando chuva e frio de quase zero grau (0°C) em plena região amazônica.

O platô da montanha só é acessível pelo lado venezuelano, que possui a única trilha de acesso possível sem necessidade de uso de equipamentos de alpinismo. Esse fator favoreceu enormemente o turismo da região venezuelana, tornando o país a principal entrada de turistas aventureiros que desejam conhecer essa maravilha da natureza. Os paredões de pedra verticais, com centenas de metros de altura e da densa mata que circunda a base do monte pelo lado brasileiro e guianense, não permitem o acesso por esses flancos. Cercado pelas savanas que bordeiam as florestas tropicais da bacia do Amazonas, Orinoco e Essequibo, do platô nascem

vários rios que correm tanto para o Brasil (Cotingo) como para a Venezuela (Arabopô – Sororopan-Paru) e Guiana (Kakoó).

O topo do monte Roraima é um lugar simplesmente fantástico, ímpar, diferente de tudo. Um dos lugares mais antigos do planeta, formado na era pré-cambriana. Pertence ao Maciço das Guianas, que remete a 1,7 a 2 bilhões de anos, ou, antes mesmo, segundo a teoria da separação dos continentes da África e América, o Pangéia.

Relatar o que é o monte Roraima não é uma tarefa fácil, considerando-se que para os índios Taurepang (da Venezuela) e os Ingaricós e Macuxis (do Brasil) ele é a morada de um deus, o deus Makunaima. Supõe-se, de antemão, que a casa de um deus seja um lugar maravilhoso, esplendoroso. E o é. Só quem já se aventurou por suas trilhas acidentadas ao longo de dois ou três dias de caminhada tem a consciência exata do que é ter visitado a casa do deus Makunaima. Quando, finalmente, depois da dura caminhada chegamos ao topo, é que podemos entender a pequenez do ser humano frente à grandiosidade da natureza.

Um lugar onde esotéricos, místicos, aventureiros e cientistas buscam decifrar seus mistérios e enigmas. Um lugar mágico, envolto a maioria do tempo por nuvens, onde o relógio parece ter parado. Suas formações rochosas são de uma beleza cênica indescritível. Vales, fendas, elevações, rios, nascentes, quedas d'água, grutas, cavernas, labirintos, plantas, animais e pequenos lagos fazem parte da paisagem. Ao longo de milhões de anos criou-se uma fauna e flora endêmicas, diferenciadas de outras espécies devido ao isolamento e às condições climáticas extremas. O tepuy possui seu próprio micro clima, com variações de temperatura imprevisíveis, podendo chegar a zero grau na madrugada. Devido aos constantes ventos e a chuva, o tempo pode mudar em questão de minutos.

Quem viaja de Santa Elena de Uairén para Puerto Ordaz, através do Troncal 10 da Estrada Panamericana que corta o Parque Canaima, no sul da Venezuela, e vê o Monte Roraima ao longe, não imagina que ele seja tão grande. A parte longitudinal mede cerca de 17km. Sua superfície irregular não permite um cálculo exato de sua área e algumas publicações mencionam mais de 30km², chegando outras a citar até mais de 80km² de superfície.

Como o monte está dentro de parques nacionais protegidos é necessário tirar uma autorização para poder subir. Do lado da Venezuela é o Inparques que a fornece, e do lado brasileiro é o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), em Pacaraima, localizado ao lado do prédio da Polícia Federal. As empresas de turismo que organizam os grupos para subir providenciam essas autorizações, onde é preciso apresentar o passaporte, ou RG (Carteira de identidade) e CPF (Cadastro de Pessoa Física), no caso dos brasileiros. Mesmo que alguém vá sem ser através de uma empresa especializada, igualmente é necessário tirar a licença.

Só é permitido subir acompanhado de guias e carregadores que conheçam a montanha, para não haver problemas. Eles são recrutados entre os Pemóns, em San Francisco de Yuruany e na aldeia de Paraitepuy e junto a empresas de turismo especializadas. É admirável como esses índios tem resistência para subir e descer a montanha levando pesadas cargas nas costas. Comparo-os aos sherpas do Himalaia, pela resistência. Dessa forma, servindo de guias e carregadores, é que os indígenas ganham dinheiro para a sua sobrevivência dentro do parque, além da venda de artesanato, restaurantes e de pequenas pousadas que administram.

Apesar da beleza das paisagens, a terra da savana é pobre e praticamente não produz nada. É coberta, na sua maior parte, por gramíneas e pequenos arbustos. Alguns locais perto de rios e baixios produzem alguma coisa, mas, de uma maneira geral, a agricultura é incipiente.

Os Pemóns são aculturados e, muitos, por necessidade e pelo convívio com estrangeiros que visitam a região, aprendem outros idiomas, como o inglês, italiano, francês, etc...

Desde que vi o monte Roraima pela primeira vez em 1991, ao longe, da carretera, fiquei impressionado com aquele colosso de arenito. Dessa época pra cá, retornei várias vezes à Venezuela e cada vez que passava pela Gran Sabana, lá estava ele, majestoso e imponente, parecendo me convidar para escalá-lo. Eu sempre pensava comigo mesmo: um dia ainda vou subir. E quando certo dia meu colega de trabalho, jornalista Edgar Borges, logo nos primeiros dias de janeiro de 2002 apareceu com a proposta de subí-lo junto com um grupo de amigos, não pensei duas vezes e aceitei o convite na hora. Morando e vivendo tão perto, levei longos onze anos até decidir subir o Monte Roraima pela primeira vez.

A segunda subida foi em março (26-03 a 02-04-2011), pois eu precisava de fotos novas para ilustrar o livro. Da primeira vez que subi (2002) choveu muito e não tinha conseguido bons registros fotográficos. Através da empresa Roraima Adventures juntei-me a um grupo de mais seis pessoas: quatro vindas de São Paulo, uma de Minas Gerais e uma do Rio Grande do Sul. Partimos de Boa Vista no sábado (26) às cinco horas da manhã, numa Van, com destino à Santa Elena de Uairén. Durante a viagem fomos nos conhecendo e conversando, falando sobre as experiências de cada um nesse tipo de aventura e fiquei sabendo que todos eram acostumados a fazer trilhas. Creio que o mais inexperiente do grupo era eu. Alex Vervuurt, Cristian Rosa, André Loppi Goulart e Wander de Moraes Paes eram de São Paulo, enquanto Rodrigo Moreialvar, de Minas Gerais, e Marco Rolan do Rio Grande do Sul. Marco contou-me, durante a caminhada, que já tinha até percorrido o caminho de Santiago de Compostela.

Em Santa Elena trocamos a Van que nos levou por uma Toyota 4X4 e depois de um café da manhã reforçado no centro da cidade, seguimos em direção à Paraitepuy. Chegamos já passado da hora do almoço e depois de tudo organizado em Paraitepuy, com os carregadores e guias todos a postos, começou o primeiro trecho da caminhada em direção ao nosso objetivo: o platô do monte Roraima.

O destino naquele dia seria o acampamento do rio Tek, numa caminhada de três horas e meia a quatro. Não houve nenhum problema (este trecho é light, a não ser por uma forte subida logo no começo) e lá pelas cinco e pouco estávamos no acampamento do rio Tek. Depois de um banho gelado nas águas do rio, de um jantar preparado pelo guia Marcelo e de prosas à luz das estrelas, todos se recolheram às barracas. O domingo nos aguardava para seguirmos até o acampamento Base, no pé da montanha.

Todos nos levantamos cedo e depois de um café preparado pelos nossos guias, lá pelas oito horas seguimos em direção ao monte. Atravessamos o Tek e meia hora depois passamos pela ermida de Santa Maria de Tökwono, uma pequena capela construída pelos indígenas, toda em pedra, no meio do descampado. Uma pequena parada para algumas fotos e minutos depois chegávamos ao rio Kukenan. A travessia do rio é feita, ora por dentro d'água, ora por sobre as pedras. E, já molhados até os joelhos, a turma aproveitou para tomar um banho nas águas frias do Kukenan, para depois seguir viagem. Do Kukenan em diante começa um trecho mais difícil, com muitas pedras na trilha e algumas subidas mais íngremes, mas que, aos poucos, fomos vencendo.

O monte Roraima, à nossa frente, permanecia o tempo todo parcialmente encoberto, enquanto seu irmão Kukenan, exibido, mostrava a cara pra nós. Com algumas paradas para descanso e mais fotos, chegamos ao acampamento Base sãos e salvos, depois das cinco.

O tempo estava bom, apesar de um pouco encoberto, e esperávamos que estivesse assim também no outro dia, sem chuva, em cima do monte. O banho naquele dia foi num pequeno riacho que desce do monte, com a água estupidamente gelada, mas revigorante para as dores musculares do esforço da caminhada. À noite, depois de uma gostosa sopa preparada pelos guias e com a temperatura baixa, o melhor que tínhamos a fazer era nos recolher às barracas e descansar para a subida do dia seguinte, o trecho mais difícil. À noite nos surpreendeu com uma garoa fina e de madrugada um forte vento sacudiu as barracas, o que nos assustou um pouco. Mas qual não foi a surpresa, pela manhã, pois em vez de tempo fechado, um céu claro e límpido nos esperava para a subida. Pela primeira vez o monte Roraima estava sem nuvens. Mas não demorou muito para aparecerem as costumeiras nuvens e o tempo começou a fechar.

Um grupo de venezuelanos estava no mesmo acampamento e saímos juntos para o último trecho, que é, seguramente, o mais difícil de ser vencido. Ele é quase todo em aclave, com muitas pedras, raízes, galhos, pequenos riachos que descem da montanha, etc... A turma foi se dispersando, os mais fortes na frente, cada qual empreendendo seu ritmo, conforme a resistência que o corpo aguentava. As horas iam passando e aos poucos o nosso grupo foi vencendo a íngreme subida, passando pelo mirante, pela lateral do paredão e pelo Vale das Lágrimas, um lugar de pedras soltas e constantemente úmido pela água que cai do alto do paredão. Faltava só o último trecho, que também foi sendo vencido aos poucos. Era segunda-feira, passando do meio dia, quando finalmente chegamos ao nosso objetivo, que era o platô do monte Roraima.

Depois de um breve descanso e de muitas fotos, seguimos para o hotel El Índio, nosso acampamento daquele dia. Os chamados hotéis do monte Roraima não passam de pequenas grutas ou rochas salientes onde é possível se proteger da chuva e das intempéries do monte. Depois de montadas as barracas e do preparo de um rápido almoço, naquele dia ainda aproveitamos o tempo restante para seguirmos até as Jacuzzis, banheiras esculpidas pela ação do tempo no leito de um pequeno riacho de águas límpidas e frias. Meus companheiros de jornada se aventuraram a um banho gelado, enquanto eu explorava as redondezas atrás de fotos para o livro. O tempo não colaborava muito, pois estava bastante encoberto, o que não era o ideal para fotografar. Com um pouco de paciência consegui belos registros, mostrados no livro.

No dia seguinte o programa seria ir até o marco tríplice das Três Fronteiras e o Vale dos Cristais. Porém, eu seguiria com meu guia e meu carregador até o hotel Coati, bem mais distante, separando-me do grupo, pois a intenção era permanecer dois dias a mais do que o grupo sobre o monte, e ir até o lago Gladys.

Pela manhã, quando saímos do hotel El Índio apanhei a mochila com meus equipamentos, enquanto meu guia e meu carregador levavam a barraca e demais apetrechos necessários para montar o acampamento no hotel Coati. Seguimos com o grupo até certo trecho da trilha e em certa altura nos separamos. Enquanto o grupo seguia até o Marco Tríplice, eu seguia para o El Fosso. Combinamos de nos encontrar novamente para o almoço no Marco Tríplice.

No El Fosso aproveitei para fotografar a gruta, que da primeira vez que subi o monte não conseguira, por causa da chuva. O caminho até a gruta é bastante perigoso e é preciso muito cuidado para não se acidentar. Mas vale a pena o risco porque o lugar é fantástico, um mundo subterrâneo de formas e cores deslumbrantes.

Depois de seguir até o Marco Tríplice e encontrar novamente o grupo, de lá, eu e meus companheiros indígenas, rumamos na direção do hotel Coati, numa caminhada de mais de duas horas. No mesmo dia ainda deu tempo de ir até o Abismo, um lugar de altos e íngremes paredes

e de onde se avista o Roraiminha, um pequeno tepuy separado do monte Roraima, e, ao lado deste, um vale coberto por uma densa e extensa floresta, do lado brasileiro.

O programa do dia seguinte (quarta-feira) era seguir até o lago Gladys, mas infelizmente o tempo não colaborou. Instável como sempre, choveu bastante a noite e amanheceu encoberto e logo depois de sairmos para a caminhada de duas horas e meia, começou uma fina chuva, que aos poucos foi engrossando. A trilha estava pesada, com muita umidade, vento, rios cheios para atravessar e, aos poucos, eu e o guia Adelino fomos ficando encharcados pela chuva fria, apesar das capas.

Finalmente chegamos às bordas do lago Gladys, mas para minha decepção, não dava pra ver quase nada. A chuva e a névoa não deixavam ver mais do que vinte, trinta metros à frente. Ainda ficamos esperando por cerca de uma hora e meia, mas não adiantou, o tempo continuou fechado. Eu tremia de frio e, desse modo, achamos melhor voltar para o acampamento, para evitar algum mal maior, sem conseguir uma única foto sequer do famoso lago Gladys, celebrado até no livro “O Mundo Perdido”, de Sir Arthur Conan Doyle. O tempo só veio a melhorar às quatro horas da tarde, e assim mesmo, na direção do lago continuava fechado.

A manhã seguinte amanheceu com o tempo ainda fechado, o que me fez desistir de ir novamente ao lago Gladys. Resolvemos voltar e passar pelo Vale dos Cristais. Lá aconteceu um fato que mudou meus planos. Quando fui trocar as baterias da máquina, elas simplesmente acusavam estar quase descarregadas. Creio que o frio e a umidade foram os culpados. Ainda consegui fazer algumas fotos do Vale dos Cristais, mas sem baterias, minha missão no monte tinha terminado. E assim, o jeito foi descer o monte, o que fizemos no mesmo dia, seguindo até o acampamento Base. Foi uma senhora caminhada, do hotel Coati até o acampamento Base. No dia seguinte (sexta-feira) seguimos do acampamento Base até a aldeia de Paraitepuy, onde, no sábado, um carro me apanharia. O resultado de tanto esforço foi várias unhas pretas e os joelhos em frangalhos, que tentei recuperar com compressas e exercícios, semanas depois de voltar do monte. Acho que, chegando perto dos cinquenta e oito anos de idade, essa foi a última vez que subi o monte Roraima.

Tanto do lado venezuelano como do brasileiro, há empresas especializadas em formar pacotes turísticos com grupos de pessoas dispostas a enfrentar uma longa e desgastante caminhada para alcançar o topo do monte. Uma dessas empresas é a Roraima Adventures, de Boa Vista, que já tem vários anos de experiência e fornece toda a infra-estrutura necessária, desde transporte, barracas, alimentação, guias, carregadores, etc...

A procura por essa eco-aventura vem crescendo ano após ano por parte dos brasileiros. Mas, mesmo assim, com a crescente demanda por parte dos brasileiros, a grande maioria dos turistas que sobe o monte é de estrangeiros que entram pela Venezuela, até porque o país caribenho fica mais próximo da América do Norte, da Europa e de outros centros que buscam esse tipo de turismo de aventura. Além do que, a Venezuela oferece ainda como atrativo as praias do Caribe, a cordilheira dos Andes, o teleférico de Mérida, o salto Ángel (o mais alto do mundo), a ilha de Margarita, Los Roques, além de outros, para os turistas.

Para subir o monte Roraima é preciso, antes de tudo, gostar de aventura. E ter disposição e coragem para enfrentar um longo e difícil trajeto. Mas, com um bom preparo físico, muita disposição e alguns cuidados, certamente não haverá problemas na escalada. A aventura começa realmente quando se chega à San Francisco de Yuruany, uma pequena vila dos Pemóns à margem da carretera que atravessa a Gran Sabana. A partir dali, somente carros tracionados conseguem vencer a estrada de terra cheia de obstáculos que corta a savana até a pequena aldeia indígena

de Paraitepuy, local que serve de acampamento e ponto de partida da longa e estafante caminhada. Dali em diante é adrenalina pura. E muito esforço. Mas vale a pena, com certeza.

Engana-se quem pensa que a subida é a parte mais difícil da aventura. Claro, o desgaste da subida é enorme, pois ela exige muito esforço físico, aparecem bolhas nos pés, dores musculares, nos joelhos, nas costas, mas...

Há um ditado no Brasil que diz: “Morro abaixo todo santo ajuda”. Na teoria isso funciona, mas, na prática, talvez a coisa seja um pouco diferente. Pelo menos na opinião de quem escreve este texto, a descida, nas duas vezes, foi mais penosa do que a subida, pois o esforço da descida, exercido sobre os joelhos e pés, é tremendo. Com o peso da mochila nas costas, mais o cansaço da subida ainda sentido nas pernas, haja articulação que aguentar. A maioria do tempo é como se estivéssemos segurando com as próprias mãos um carro sem freios ladeira abaixo, o que resulta num esforço enorme e numa sobrecarga nos pés e joelhos. Mas, quando, finalmente, depois de horas, chegamos novamente ao pé da montanha, é um alívio. Cansados, doloridos, alquebrados, mas satisfeitos e recompensados pelo espetáculo que a montanha nos ofereceu. Como se diz no Brasil: o monte Roraima é tudo de bom.

Alguns dias depois, já em casa, tudo volta ao normal. As dores desaparecem, os joelhos desincham, as bolhas nos pés somem e na nossa memória ficam as imagens e lembranças das paisagens dos lugares e dos belos momentos vividos em um dos cenários mais fantásticos da natureza. Assim é o monte Roraima. Quem conhece, nunca esquece.

FAUNA E FLORA

O monte Roraima é cercado por uma grande savana, entrecortada por pequenos rios e cursos d'água que descem dele próprio e do seu irmão Kukenan. Na savana, a vegetação predominante são as gramíneas e ao longo dos cursos uma pequena e estreita mata ciliar acompanha o ziguezague das águas. Algumas ilhas de vegetação podem ser vistas formando-se na savana, geralmente perto d'água, onde o solo é um pouco melhor e há mais matéria orgânica e nutrientes disponíveis.

À medida que nos aproximamos do pé da montanha, a vegetação muda. Arbustos e árvores de pequeno porte constituem o entorno dos paredões íngremes e rochosos. Quanto mais subimos em direção ao platô, mais a vegetação se modifica. Ao largo da trilha podemos encontrar trechos em que abundam as samambaias e as bromélias, misturadas às árvores que teimosamente se agarram com suas raízes aéreas às pedras e ao solo escasso e raso. Orquídeas também são frequentes, de vários formatos e cores.

A falta de nutrientes no solo forçou as plantas a se adaptarem às condições locais. Notadamente no topo da montanha, o que contribuiu para o surgimento de variedades endêmicas. Das 2.300 espécies vegetais catalogadas, mais da metade delas só existem no alto dos tepuyes, não sendo encontradas em outras regiões. Algumas até com hábitos carnívoros.

O solo rochoso e pobre de nutrientes do alto da montanha, porém bastante úmido, favoreceu o aparecimento de musgos e líquens que proliferam por toda a extensão do monte. Há muitas espécies de plantas aquáticas, pois a montanha é rica em água, com a ocorrência de nascentes de

rios, lagos e pequenas lagoas que se formam com as constantes chuvas, abundantes sobre o Roraima.

Só mesmo uma adaptação ao longo de milhares de anos ao clima adverso e imprevisível permitiu que as plantas e animais conseguissem sobreviver no alto da montanha, ora quente, ora muito frio, onde, muitas vezes, nas frias madrugadas, o termômetro chega perto de zero grau.

Não há uma grande variedade de animais no topo. Pequenos roedores, algumas espécies de pássaros, aranhas, escorpiões, pequenos invertebrados aquáticos e um sapo, pequeno e preto, são os mais comuns.

AS LENDAS

A Árvore do Mundo

Makunaima e seus irmãos estavam passando fome. Somente Akúli (a cutia) estava sempre bem alimentado. É que Akúli havia encontrado a árvore Wazaká, que estava carregada de todas as frutas boas que existem. Ele não disse nada sobre a árvore. Comia as frutas boas e trazia as imprestáveis para os outros. Makunaima ficou desconfiado. Um dia levantou o lábio de Akúli enquanto este dormia, e encontrou um grão de milho entre os dentes dele. Makunaima mandou vigiar Akúli para descobrir de onde vinha a comida. Certo dia seguiram Akúli e descobriram a árvore Wazaká. O irmão mais velho, Jigué, disse aos irmãos que comessem apenas as frutas que caíam no chão, mas Makunaima não concordou e derrubou a árvore. A árvore caiu para o norte, e é por isso que há diversas frutas silvestres naquela região. O toco da árvore é o Monte Roraima. Jigué cobriu o toco da árvore com um cesto, e de lá saíam muitos peixes. Makunaima levantou um pouco o cesto e começou a jorrar muita água de dentro do toco. Ninguém mais conseguiu conter a enchente. Makunaima e Jigué plantaram duas árvores de inajá e subiram nelas para esperar as águas baixarem. Jigué reclamou que as frutas do inajá não tinham gosto. Makunaima pediu uma fruta ao irmão, deu uma dentada nela e a esfregou em seu pênis. Depois a devolveu a Jigué dizendo: “Experimenta agora”. E até hoje a árvore de inajá dá frutos na época das chuvas.

Lendas extraídas do livro de Theodor Koch-Grünberg, “Do Roraima ao Orinoco”, volume I, narradas pelos índios da região do rio Uraricoera, no estado de Roraima: pgs 148, 149 e 150:

“José-Mayuluaípu me contou lendas de sua tribo. Ele conhece muitas delas. Diz que seu pai conhece muito mais. Ele me conta dos feitos do pérfido herói da tribo, Makunaima; do grande dilúvio; do grande incêndio que destruiu toda vida humana; de um homem que teve, aqui na terra, uma das pernas decepada por sua mulher adúltera; então ele foi para o céu e ainda hoje pode ser visto nas Plêiades, no grupo Aldebarã e numa parte de Órion. As mulheres se saem mal nessas lendas indígenas. Há muito tempo existia uma mãe malvada, que jogou seus cinco filhos num buraco e fugiu com seu amante; além dessa, havia uma sogra má e muito indecente em relação a seu genro. Todas são castigadas. Ele também me conta histórias engraçadas, fábulas de animais: da tartaruga inteligente, da anta burra, da onça burra, do abutre burro, do veado burro. E ainda muitas outras. É um material interessante e valioso que, como já posso reconhecer, tem muitos paralelos com as lendas de outras tribos, não só da própria América do Sul, mas também na parte norte desse grande continente.

Certa noite o velho Inácio se junta a nós. Também quer contar histórias: “Nuá mandou construir um barco grande e avisou todos os animais, onça, veado, anta, capivara e outros, todos os animais da terra. Ele avisou também todas as pessoas: Tudo vai afundar na água! Mas as pessoas disseram: É mentira! Nuá fez um barco grande e mandou todos os animais entrarem nele, também plantou lá dentro todas as frutas, especialmente bananas, milho, mandioca, caju e outras. Ainda hoje, pode-se ver o barco do outro lado do Roroíma, uma rocha grande com um grande bananal junto dela. Nuá disse para as pessoas: Vocês vão ser transformados em delfins e peixes e cobras d’água e tartarugas! As pessoas, Majonggóng, Makuschí, Taulipáng, Wapischána, Saporá, Wayumará, Máku e outras, acreditaram em Nuá. Todos os outros viraram bichos que vivem n’água. Então veio muita água do Roroíma e alagou tudo. As pessoas que Nuá tinha avisado disseram: Não vamos fazer barcos, vamos subir nas árvores! Elas foram transformadas em formigas tocandiras, talvez também em borboletas. Agutipuru (esquilo) subiu numa inajá alta e é por isso que até hoje ele gosta dos frutos dessa palmeira. Outras pessoas subiram em árvores e viraram todo tipo de macaco, bugios, macacos de cheiro e outros. Por isso é que até hoje, os macacos se parecem com os homens. Outros foram transformados em pássaros. O tamanduá, que naquela época ainda era gente, disse: No que é que eu vou me transformar agora? Cutia, paca, anta, todos esses bichos são comidos. Isso eu não quero ser. Vou virar tamanduá, esse eles não comem! Um outro fez a mesma coisa e virou onça; um outro, raposa; bichos que não se comem; esses eram os espertos! Todos os pássaros foram para o céu: mutum, urubu, passarão, garça e outros. Dizem que o céu tem um buraco, o portão para esses bichos. Tudo ficou alagado e veio a noite; por muito tempo o sol não brilhou. Então Nuá disse (ou será que foi Jesu Cristo?): Quando for de manhã vocês devem cantar! Ele disse isso para os papagaios, araras, cutias, antas, para todos os bichos, para bugios, mutuns e outros. Um dia, Agutipuru estava comendo frutos de inajá e passou os caroços sobre seu membro. Aí, alguns pelos ficaram presos neles. Por isso é que, até hoje, o caroço tem fios. Agutipuru jogou um fruto de inajá na água, para ver se ela estava baixando. A fruta fez ‘ting’; sinal de que ainda tinha muita água. Agutipuru fazia isso toda noite, por muito tempo. Um dia, a fruta fez ‘pong’. Então Agutipuru percebeu que a água estava baixando. Aí, a água baixou tanto, que a fruta da inajá fez ‘pau’ quando ele a jogou na água. Então agutipuru percebeu que a fruta tinha caído em chão seco. Então o bugio cantou primeiro, depois o galo, o mutum e todos os pássaros que cantam de manhã, de madrugada. O dia clareou; o sol apareceu de novo. Então Nuá mandou o urubu, que naquela época ainda era uma pomba, ver se a terra estava seca. O pássaro ficou bastante tempo fora e comeu muitos bichos, especialmente peixes que estavam estragados. Ele ficou sujo, preto de lama, e fedia, e virou urubu. Então Nuá mandou uma pomba pequena atrás dele, para ver o que ele estava fazendo, já que ele demorava tanto. Ela não fez como o urubu, mas voltou e contou para Nuá. Então Nuá disse para o urubu: Você está sujo demais! Não quero mais você! Agora você pode viver sempre assim! Então ele ficou sendo um abutre. A pombinha disse: A terra está seca. Então Nuá veio lá do céu com sua canoa. Antes disso, ele ainda mandou o gavião, o corocoró, a garça, todos os pássaros que ainda hoje gostam de andar na lama e comem carne estragada e peixes. Todos ficaram e não voltaram mais. Então ele mandou o veado e disse para ele: Cuidado! Lá tem muita formiga! Deixe, primeiro, elas irem embora! Mas o veado era teimoso e disse: Isso não faz mal nenhum! Naquela época, ele ainda tinha carne na parte de baixo das coxas. Então as formigas comeram a carne dele, e até hoje ele corre com pernas finas. As formigas também comeram a carne da perna do veado mateiro. Nuá disse que era para ele se apressar; por isso é que o veado corre até hoje. Nuá disse para os bichos: Deixem que fique mais seco; deixem as formigas ir embora primeiro! Mas os bichos, veados, antas, não esperaram e, por isso, as formigas comeram a carne das pernas deles. Então Nuá (ou Jesu Cristo?) disse para os veados,

antas e todos os outros animais de caça: Quando vocês encontrarem pessoas, não fujam delas, mas falem com elas! Não tenham medo! Então o macaco disse: Não acreditem nele, fujam dos homens! Os animais seguiram o conselho do macaco e, por isso, até hoje são mortos pelos homens. Senão, seriam amigos até hoje”.

Esta é a lenda do dilúvio, tal como o chefe Inácio a contou para mim. Que bela companhia Noé e Jesus Cristo arranjam! Se deixarmos a arca e as duas pombas de lado e substituirmos o “Nuá-Jesu Cristo” pelo herói da tribo, Makunaima, que segundo a verdadeira lenda dos Makuschí e dos Taulipáng, foi quem causou o dilúvio, então teremos o verdadeiro mito indígena. Os fragmentos bíblicos, provavelmente, já têm a idade de algumas gerações, oriundos da época da missão carmelita junto às tribos do Uraricoera.

LENDAS BRASILEIRAS

Lenda do Monte Roraima

Os índios Macuxi contam que antigamente, no local onde hoje existe o Monte Roraima, havia apenas terras baixas e alagadiças, cheias de igapó. As tribos que viviam naquela área não precisavam disputar comida, pois a caça e a pesca eram fartas.

Uma vez, nasceu um belo pé de bananeira. E a árvore era algo inédito na região.

A estranha planta cresceu muito rápido e deu belíssimos e apetitosos frutos. Os pajés então avisaram que aquele vegetal era na verdade um ser sagrado e que, como tal, seus frutos eram proibidos para qualquer pessoa da tribo. Os pajés avisaram ainda que caso alguém desobedecesse a regra e tentasse comer uma fruta daquelas, desgraças terríveis aconteceriam: a caça se tornaria rara, as frutas secariam e até a terra iria tomar um formato diferente. Era permitido comer de tudo, menos os frutos da bananeira sagrada.

Todos passaram a temer e a respeitar as ordens dos pajés. Mas houve um dia em que, ao amanhecer, todos correram para ver com espanto a primeira desgraça de muitas que ainda estavam por vir: um cacho da bananeira havia sido decepado. Todos se perguntavam, mas ninguém sabia dizer quem poderia ter feito aquilo. Antes que tivessem tempo para descobrir o culpado, a previsão dos mais velhos começou a acontecer. A terra começou a se mover e os céus tremiam em trovões. Todos os animais, da terra ou do céu, bateram em retirada. Um dilúvio começou a despencar e um enorme monte começou a brotar rasgando aquelas alagadas terras. E foi assim que nasceu o Monte Roraima.

É por tudo isso que, até os dias de hoje, acredita-se que o monte Roraima chora quando de suas pedras caem pequenas gotas de água cristalina.

OS PIONEIROS

SIR WALTER RALEIGH (1595)

Segundo os livros de história, sir Walter Raleigh, cidadão inglês nascido em 1552 (ou 1554) na aldeia de East Budleigh, em Devon, foi o primeiro branco a chegar aos pés do monte Roraima, em 1595.

Raleigh, um aventureiro nato, soube de um mito espanhol que falava de uma grande cidade dourada, localizada em território venezuelano, nas cabeceiras do rio Caroni. Montou uma expedição e explorou a região sul da Venezuela, a que é hoje o estado Bolívar, em busca da cidade de Manoa, e foi certamente durante essa procura que chegou aos pés do monte Roraima.

Quando voltou à Inglaterra, publicou um livro chamado “The Discovery of Guyana”, onde, exageradamente, relatava fatos da viagem, o que acabou contribuindo para a lenda do El Dorado.

Fez mais algumas viagens a outros locais e ocupou alguns cargos públicos, como governador da Channel Island, em Jersey.

Em 1603, por um suposto envolvimento num complô contra o rei Jaime I, Raleigh foi julgado e ele próprio conduziu sua defesa. No final do julgamento, sua vida foi poupada pelo rei, mas foi deixado preso da Torre de Londres até 1616.

Foi libertado nesse ano para conduzir uma segunda expedição à Venezuela em busca do El Dorado. Durante a expedição, os homens de Raleigh saquearam o posto avançado de San Thomé, no rio Orinoco, sob comando dos espanhóis.

Durante o assalto, o filho mais velho de Raleigh foi ferido e morto e quando voltou à Inglaterra, o embaixador espanhol, Diego Sarmiento Acuña, exigiu que o rei condenasse novamente Sir Walter à morte pelo ataque ao posto.

O pedido foi aceito e ele decapitado em Whitehall, em 29 de outubro de 1618.

ROBERT SCHOMBURGK (1839)

Naturalista e explorador alemão. Além de percorrer grande parte da então Guiana Britânica, fez coleções de exemplares da fauna e flora coletados nos rios Maú, Surumu, Unamara, Tacutu e proximidades do Monte Roraima. Do ponto de vista da ciência, seus relatos são de extremo valor para a geografia física e a ocupação humana de praticamente toda a região norte e nordeste de Roraima. Do ponto de vista político, suas descrições ajudaram a dar base para a decisão final de uma disputa territorial internacional entre o Brasil e a Inglaterra.

RICHARD SCHOMBURGK (1842)

Da mesma forma que Robert, seu irmão Richard realizou coletas botânicas e faunísticas na Guiana Britânica, tendo adentrado também no lado brasileiro pelos rios Tacutu, Cotingo e Surumu, além de excursionar pelas proximidades do Monte Roraima.

EVERARD IM TURN E

HARRY PERKINS (1884)

Ambos eram ingleses e funcionários da Coroa Britânica na Guiana. Foram um misto de etnólogos, botânicos e geólogos que lideraram a primeira escalada oficialmente registrada ao topo do Monte Roraima em 1884. Seu ponto de partida foi o rio Potaro (Guiana), contornando a Serra de Pacaraima (pelo lado venezuelano) e perfazendo a subida por uma trilha (pouco modificada até hoje) localizada na parede oeste deste tepuy. Dos dois, destaca-se Im Thurn por ter feito ainda várias incursões à região limítrofe com o Brasil, o que lhe valeu conhecimentos sobre os povos locais e seu meio de vida.

ERNEST HEINRICH GEORG ULE (1908/09)

Botânico alemão que percorreu o rio Branco e localidades próximas das serras Grande, de Mucajá e do Murupu, alcançando mais tarde o Monte Roraima. Pertencia ao Jardim Botânico de Berlim, chegando a publicar artigos específicos sobre a flora desta região.

THEODOR KOCH-GRÜNBERG (1911-1913)

Dos aventureiros e estudiosos que subiram o monte Roraima no começo do século XX, vale ressaltar a expedição de Theodor Koch-Grünberg, etnógrafo alemão, acompanhado de oito índios. Koch-Grünberg descreve em detalhes a paisagem, as dificuldades da viagem, o convívio com os nativos, as festas, as lendas, os costumes, deixando um legado grandioso nos campos da etnologia, geologia, geografia, lingüística e antropologia, através de cinco volumes posteriormente editados da sua obra “Do Roraima ao Orinoco”. Com uma prosa leve e leitura prazerosa, ele consegue relatar através de seus escritos uma parte da Amazônia até então pouco conhecida.

Busquei, através da leitura do primeiro volume da sua obra, descobrir o que esse “estrangeiro aventureiro” conseguiu enxergar, e o que os próprios brasileiros não conseguiam vislumbrar. Coletei pequenos trechos, parágrafos, passagens do seu livro, desde a sua chegada à Manaus, até a subida ao monte Roraima, dando assim uma dimensão de espaço e tempo.

Seus relatos, suas imagens (fotografias) e gravações captadas ao longo de dois anos (1911 a 1913) em que esteve na região, constituem-se até hoje em fonte de pesquisas para estudiosos e universitários, principalmente na área de antropologia.

Filho e neto de teólogos, nascido em 1872, na cidade de Grünberg, Theodor Koch-Grünberg desde cedo mostrou interesse por assuntos relacionados aos índios. Não via os índios como selvagens, mas como homens de sensibilidade, dando atenção especial às mulheres e crianças.

Entre 1898 e 1900, participou da segunda expedição de Hermann Meyer ao rio Xingu, donde alcançaram o rio Ronuro, afluente do primeiro. Com os dados colhidos nessa viagem, escreveu alguns artigos para a revista *Globus* e apresentou um trabalho sobre o animismo entre os índios sul-americanos.

Em 1903, já doutorado, voltou ao Brasil, mais precisamente ao Amazonas e Rio Negro, onde alcançou o território dos Caiary-Uaupés e registrou cerca de quarenta dialetos, participou de danças e rituais fúnebres, procurando conhecer a vida psíquica dos índios através da língua e da arte.

Em 1911, depois de publicar estudos e vários artigos e trabalhos lingüísticos e passar algum tempo como professor na Universidade de Freiburg na sua Alemanha natal, Koch-Grünberg retorna à América do Sul, dirigindo-se novamente ao norte do Brasil, dessa vez subindo o rio Negro e o rio Branco, chegando até ao monte Roraima.

Depois, seguiu-se uma viagem difícil pelo rio Uraricoera, com uma permanência entre os índios Yekuana e uma tentativa de chegar às cabeceiras do Orinoco, finalmente alcançado pelo rio Ventuari, retornando pelo canal de Casiquiare, que une o Orinoco ao Negro, em território da Venezuela.

Em 1924, é convidado pelo pesquisador americano Hamilton Rice para uma nova viagem às cabeceiras do Orinoco, que seria dividida em duas partes. Uma, comandado por Rice, partiria do Orinoco, e a outra, comandado por Grünberg, deveria partir do Uraricoera em direção à serra Parima. No dia 20 de agosto, Koch-Grünberg subiu o rio Negro, entrou pelo rio Branco até Vista Alegre, onde veio a falecer de malária no dia 8 de outubro, aos 52 anos.

Relatos do livro: “Do Roraima ao Orinoco”

No original em alemão: “Von Roraima zum Orinoco”

“Cheguei a Manaus em 27 de maio de 1911. O porto estava irreconhecível. A companhia Manaus-Harbour modernizou-o completamente. Por toda parte erguem-se longos armazéns. Os transatlânticos atracam diretamente nos pontões, nos quais se pode desembarcar com comodidade. Sem dúvida, isto prejudicou bastante o antes tão encantador panorama da cidade, que se elevava suavemente, cercada de verde fresco. O centro de Manaus mudou pouco. Acrescentaram-se alguns palácios, alguns cinemas, centros de cultura moderna. Os automóveis zunem e pulam pelas ruas acidentadas. Fora isso, a vida é tão laboriosa, mas também tão leviana e tão aventureira quanto há oito anos.” Pg. 29

“Por volta das oito horas da noite deixamos o rio Negro e, sob um magnífico céu estrelado, entramos no rio Branco, cuja proximidade já fora indicada horas antes pela coloração esbranquiçada da água. Em alguns pontos de seu curso inferior, o rio Branco tem a enorme largura de 3 mil a 4 mil metros, mas não é muito fundo. No verão ele seca bastante, de modo que surgem enormes bancos de areia, por entre os quais mal se encontra um caminho em estreitos regos, sendo, então, preciso empurrar o barco pela areia por longos trechos.” Pg. 32

“Em 21 de junho avistam-se, ao meio-dia, as primeiras serras altas, as cumeadas da serra Yauára na margem esquerda. Navegamos ao longo da alta margem de Vista Alegre. Apesar do nome, é apenas uma cabana ruim, no lugar da antiga aldeia indígena Inajatuba.” Pg.36

“Logo estamos ancorados no porto de Boa Vista, capital do município de Rio Branco, sede das autoridades, uma fileira de casinhas brancas e agradáveis na alta e rochosa margem direita”. Pg. 39

“São Marcos é o ponto central das Fazendas Nacionais, gigantescas fazendas de gado do governo brasileiro cuja extensão total é estimada em aproximadamente 35 mil km². São, na verdade, três fazendas: São Bento, ao sul e oeste, São José, a leste, e São Marcos, ao norte.

Destas, porém, somente a última, com uma superfície de cerca de 8 mil km², ainda está em funcionamento. Ela é delimitada, ao sul, pelo Uraricoera e pelo Tacutu, a leste, pelo Cotingo, ao norte, pelo rio Surumu e a oeste, pelo Parimé. Nas últimas décadas, estabeleceu-se nessas imensas propriedades do Estado um grande número de pessoas, criadores de gado que tomaram posse da terra ilegalmente e puseram sua marca no gado sem dono que encontraram por lá. Assim, segundo informação do administrador, encontram-se na fazenda São Marcos cerca de 18 mil a 20 mil cabeças de gado, das quais, porém, apenas cerca de 5 mil pertencem oficialmente ao Estado. As restantes levam a marca do falecido latifundiário Sebastião José Diniz, do Pará, cujos herdeiros movem há anos um processo contra o Estado. O governo brasileiro poderia expropriar legalmente todos esses fazendeiros altivos quando bem entendesse, se tivesse poder para tanto nesses territórios longínquos e não temesse uma revolução”. Pg. 41

“Esses campos imensos, uniformes e monótonos, que parecem não ter fim, despertam no homem a sensação de uma enorme tristeza e abandono, e lembram-no tão bem de quão pequeno, quão insignificante ele é em comparação com a imensa natureza. E, no entanto, eles tem seu encanto, sua beleza, apesar de, ou, talvez, justamente por causa de sua angustiante tristeza.” Pg. 48

“Pode-se pensar o que quiser das missões - falo aqui do ponto de vista puramente humano – mas esta missão traz um grande benefício: ela protege os pobres índios dos abusos dos brancos e impede, mesmo que talvez por um curto período, que eles se transformem em bêbados degenerados, acometidos das doenças da civilização. Do ponto de vista cristão, apesar dos hinos e das orações, com certeza eles ainda se encontram no mais profundo paganismo e repetem tudo sem pensar no que estão dizendo. Mas será que, por isso, são moralmente inferiores à maioria de nós? Pg. 54

“O conceito de Kanaimé desempenha um papel muito importante na vida desses índios. Designa, de certo modo, o princípio mau, tudo que é sinistro e prejudica o homem e de que ele mal consegue se proteger. O vingador da morte, que persegue o inimigo anos a fio até matá-lo traiçoeiramente, esse “faz kanaimé”. Tribos inteiras tem a má fama de ser Kanaimé. Kanaimé, porém, é sempre o inimigo oculto, algo inexplicável, algo sinistro. Kanaimé não é um homem, diz o índio. Ele anda por aí à noite e mata gente, não raro com a maça (porrete) curta e pesada, como a que se leva ao ombro durante a dança. Com ela, parte “ em dois todos os ossos” da pessoa que ele encontra; só que a pessoa não morre imediatamente, mas “vai para casa. À noite porém fica com febre e, depois de quatro ou cinco dias, morre”.

Quem experimentou no próprio corpo as agudas febres da Guiana, especialmente a malária com seus sintomas, entende essa crença dos índios. Pg. 70

“Agora já faz um mês que estou em Koimélemong e sou bom amigo de todos os moradores. Sou benquisto porque sempre tenho tempo para todos, sou simpático com todo mundo, nunca fico bravo e recompensado cada pequeno serviço com miçangas, tabaco e pequenos anzóis. E, no entanto, meu olhar se dirige diariamente, cheio de ansiedade, para o norte, para as serras distantes que fecham o horizonte. Atrás delas deve ficar o Roraima, aquele maravilhoso monte de arenito que levou cada viajante que o viu a fazer descrições apaixonadas”. Pg. 81 e 82

suas viagens pela região por volta de 1838 à 1842. Só não conseguiu subir a montanha porque na época ainda não tinha sido descoberta a trilha que leva ao topo. Nos relatos de Grünberg, os índios se referiam a Schomburgk como Samburukú e os mais velhos contavam longas histórias sobre ele, e que, no pé da montanha ele gravou alguns sinais, provavelmente a sua assinatura.

“Na manhã seguinte bem cedo partimos com Pitá, Pirokaí e seis Taulipáng para escalar o Roraima. Subimos por rochas lisas, em cujas fendas as mãos trêmulas se agarram. Mais um esforço e chegamos ao nosso destino. Um frio extraordinário nos circunda. O termômetro indica 11,6°C pouco depois do meio-dia. Assustados, olhamos para os rostos pálidos e enrugados uns dos outros. A agradável cor morena dos índios deu lugar a um feio tom verde-pálido. Ao respirarmos, sai fumaça de nossa boca.

Encontramos abrigo contra a chuva sob uma rocha saliente. Em vão tentamos acender um fogo com ervas secas. Os dedos, enrijecidos pelo frio, quase não conseguem enrolar um cigarro. Desde a aldeia subimos mais de 1300m em quatro horas e meia e nos encontramos agora numa altitude de 2600m acima do nível do mar.

Até onde podemos ver, o cume do Roraima é aplainado e coberto de rochas de formas grotescas, formações da erosão, ora elevando-se como cogumelos gigantescos, ora assemelhando-se, recortadas e alcantiladas em muitos pontos, a figuras de animais e homens ou aos muros desfeitos das ruínas de um castelo. O platô do Roraima, que apresenta uma flora pobre, mas, em grande parte, única, tem depressões aqui e ali e forma um imenso reservatório que se estende longe para o norte e manda numerosas artérias fluviais para os três grandes sistemas fluviais do Amazonas, do Orinoco e do Essequibo. Percorrer o platô em toda a sua extensão é muito perigoso, dizem os índios, pois seria fácil a gente se perder na imensa confusão de rochas e não se encontraria mais o caminho de volta. ... Após uma hora no alto, iniciamos a marcha de volta. Pg. 122 e 123

“Apesar desse clima relativamente áspero para os trópicos, com o qual até mesmo os nativos as vezes sofrem, eles amam sua terra ventosa e se orgulham, com razão, do seu Roraima. Muitas de suas canções e muitos de seus mitos têm relação com esse monte majestoso. Para eles, o Roraima é o berço da humanidade. Aqui, o herói de sua tribo, Makunaima, viveu com seus irmãos. Aqui, em sua loucura e cobiça, ele derrubou a árvore do mundo, que dava frutos bons. A copa caiu para o norte. Por isso, ao norte do Roraima até hoje nascem todas as frutas na úmida região de florestas, enquanto ao sul do Roraima, na seca savana, somente com muito trabalho é que o índio tira o alimento do solo. O tronco caiu sobre o Caroni. Está lá até hoje, como uma grande rocha que atravessa o rio, formando uma alta catarata, onde os barcos têm de ser descarregados e arrastados por terra. O rochedo Roraima é o cepo que ficou de pé. Dele veio o grande dilúvio, do qual poucos se salvaram.

Nossos belos dias perto do Roraima estão chegando ao fim. Os víveres se tornam cada vez mais escassos. Pitá, cujo filho caçula tem estado com um forte resfriado nos últimos dias, quer voltar para casa”. Pg. 126 e 127.

G. H. H. TATE (1927/28)

Naturalista do Museu Americano de História Natural que integrou a Expedição de Lee Garnett ao Monte Roraima. Entrou pelo rio Branco até ultrapassar o rio Miang, de onde iniciou a subida ao

Roraima. Durante todo o percurso o grupo fez diversas anotações científicas e coletou diferentes espécies de plantas e animais, compartilhando a idéia da grande variedade de vida nesta região. Foi Tate quem deu início ao questionamento sobre a existência de uma possível zona biogeográfica de vida nesta região, caracterizada por relevos tabulares. Após encontrar e receber ajuda de Rondon, finalizou a expedição cortando o alto rio Maú até a Guiana Inglesa.

MARECHAL RONDON (1927)

Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, nasceu em 05 de maio de 1865, no distrito de Mimoso, em Santo Antônio de Leverger, no Mato Grosso. De origem indígena por parte de seus bisavós maternos (índios Bororo e Terena) e bisavó paterna (índios Guaná), Rondon tornou-se órfão precocemente, sendo criado pelo tio. Com a morte deste, transferiu-se para o Rio de Janeiro para ingressar na Escola Militar. Ainda estudante, teve participação nos movimentos abolicionistas e republicanos.

Foi nomeado chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso e designado para a Comissão de Construção da linha telegráfica que ligaria Mato Grosso e Goiás.

Realizou expedições com a chamada “Comissão Rondon”, com o objetivo de explorar a região Amazônica. Em 1910 organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios e que nos dias atuais corresponde à FUNAI.

De maio de 1913 a maio de 1914 realizou uma expedição, em conjunto com o presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, quando o próprio presidente americano esteve presente em companhia de Rondon no norte de Mato Grosso, por um certo período.

Rondon, no comando da Inspetoria de Fronteiras, organizou uma longa expedição ao monte Roraima, nas fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana. A expedição contou com mais de 180 índios da etnia macuxi da aldeia do Barro, com suas mulheres e filhos, que acompanharam Rondon até a tríplice fronteira.

O major Thomaz Reis, que acompanhava Rondon, realizou um filme chamado “Viagem ao Monte Roraima” (1927), mostrando as dificuldades que a expedição teve na travessia de rios e montanhas. A cena final mostra aqueles que poderiam guardar a fronteira, os próprios índios do lugar, reconhecidos como brasileiros, numa forma apoteótica, e como ocupação simbólica do lugar. Rondon aparece segurando a bandeira nacional, ladeada pelas bandeiras da Venezuela e da Guiana em meio ao numeroso grupo de índios, no topo do monte Roraima.

Em 1931, Rondon subiu novamente o monte e durante essa missão foi erguido o marco da tríplice fronteira, que funciona como um divisor de águas. Coube ao Brasil a menor parte do topo do monte Roraima, mas nem por isso, de menor importância. Portanto, devemos a Rondon, esse admirável militar brasileiro, a colocação do marco das três fronteiras sobre o platô do monte, um dos locais mais visitados pelos turistas.

Morreu em 19 de janeiro de 1958, quase cego e perto de completar 93 anos.

PHILLIP FREIHERR VON LUETZELBURG (1928)

Integrou a expedição de Rondon, percorrendo os rios Branco, Uraricoera e Tacutu, alcançando por fim o Monte Roraima. Seu interesse principal era a coleta da flora amazônica.

MONTE RORAIMA NA LITERATURA E CINEMA

SIR WALTER RALEIGH

Sir Walter Raleigh , em 1595, depois de sua viagem exploratória atrás do lendário El Dorado, chegou aos pés do monte Roraima. Na sua volta à Inglaterra, lançou um livro chamado “The Discovery of Guyana”, em que relatava fatos da viagem e nos quais fazia referências às montanhas da região, provavelmente ao Monte Roraima, que na época não tinha ainda esse nome. O livro foi um enorme sucesso e contribuiu ainda mais para a lenda do El Dorado.

SIR ARTHUR CONAN DOYLE

Arthur Ignatius Conan Doyle nasceu no dia 22 de maio de 1859 em Edimburgo, na Escócia. Entre 1876 e 1881 cursou Medicina na Universidade de Edimburgo e enquanto estudava começou a escrever pequenas histórias. Sua primeira obra foi publicada no Chambers’s Edinburgh Journal antes dos vinte anos de idade.

Criador do famoso personagem detetive Sherlock Holmes e de seu inseparável auxiliar, Dr. Watson, é na obra “Um Estudo em Vermelho” que Sherlock aparece pela primeira vez. Doyle inspirou-se em um professor da época da faculdade, chamado Joseph Bell, para criar o seu famoso detetive.

Em 1912 lança o livro “O Mundo Perdido” (The Lost World), que imediatamente se torna um sucesso na Inglaterra e Estados Unidos. Nele, conta as peripécias de uma expedição a regiões remotas da Amazônia, comandada pelo professor Challenger, que, junto com o jornalista Ed Malone, o professor Summerlee e do nobre, caçador e aventureiro lord John Roxton, embarca numa aventura eletrizante. Nela, eles encontram em pleno século XX criaturas pré-históricas vivendo no alto de um imenso platô praticamente inacessível.

O mundo perdido que Doyle descreveu tão bem na obra, um mundo desconhecido e isolado, seria hipoteticamente o monte Roraima, localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana.

Para escrever a ficção, Doyle inspirou-se em relatos de alguns aventureiros e pesquisadores da época. Um deles foi o botânico inglês a serviço da coroa britânica, Everard Im Turn, o primeiro homem branco a chegar ao topo do monte Roraima através de uma trilha descoberta pelo lado venezuelano, em 1884, a mesma trilha usada até hoje pelos turistas que o visitam. Doyle assistiu a uma palestra de Im Turn na Royal Geographical Society, sobre o monte.

Doyle tinha paixão pela paleontologia e pelas coisas da ciência em geral. Estava mergulhado no clima de controvérsia e disputa que envolvia Darwin e sua Teoria da Evolução das Espécies, suas viagens e descobertas; as inúmeras expedições extraordinárias de expedicionários como Sir Richard Francis Burton (1821-1890), descobridor das nascentes do rio Nilo. Burton chegou a morar em Santos, no Brasil, fez algumas viagens pelo interior do país e escreveu um livro chamado “Explorations of the Highlands of Brazil” (Exploração das Terras Altas do Brasil), publicado em 1869.

Certamente Doyle conhecia o livro, o mesmo que chamou a atenção de outro grande explorador dessa época, Percy Fawcett, que terá um papel importante na composição do mistério da localização do mundo perdido de Doyle. É por intermédio de Fawcett que Doyle fica sabendo de uma região isolada, bravia, de mesetas antiquíssimas, na qual um viajante poderia se defrontar com todo tipo de surpresa. Doyle se encontrou com Fawcett, em Londres, quando este retornou da missão que lhe havia sido conferida pela Royal Geographical Society para arbitrar uma disputa de fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru. Fawcett conta que Doyle lhe falou “da ideia de uma novela passada no centro-sul da América e pediu informações”.

O diplomata irlandês Roger Casement (1864-1916) foi outro que ajudou a inspirar Doyle, pois ele conhecia a Amazônia de viagens que fez à região do rio Putamayo, entre Peru e Colômbia, além de servir como cônsul em Belém do Pará por algum tempo. Doyle mantinha correspondência com Casement e pediu que ele lhe falasse sobre a região, enviasse informações “sobre qualquer coisa fora do comum e estranha” que ele encontrasse em suas viagens, para enriquecer uma história que concebia sobre uma missão inglesa montada para explorar um platô desconhecido em um tributário do Amazonas, onde a biologia havia ficado parada e onde fauna e flora extintas em outras partes ainda existiam. Essas informações o ajudaram na descrição da região, pois ele próprio nunca a visitou.

A região Norte do Brasil (Amazônia) sempre foi rica em lendas. Os viajantes que ali chegavam ouviam falar de cidades perdidas, macacos gigantes, índios brancos, animais desconhecidos, canibais ferozes. Fato e fantasia se misturavam constantemente nessas lendas.

Munido desses relatos e informações, não foi difícil para a mente privilegiada do criador de Sherlock Holmes inspirar-se e criar o enredo de seu romance de aventuras, que foi considerada uma obra precursora no quesito ficção científica e acabou inspirando outros autores.

A partir do sucesso do livro, e inspirado nele, em 1925 a obra foi transportada para as telas do cinema, tornando-se outro grande sucesso, embora mudo e em preto e branco. Ambos, o livro e o filme, levaram ao fascínio mundial pela região, hoje frequentada por turistas do mundo todo.

MÁRIO DE ANDRADE

Em 1928, o escritor brasileiro Mário de Andrade lançou o livro “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”. O personagem principal da história é Macunaíma, um índio nascido na floresta amazônica. Ele passa por diversas aventuras que o levam até a cidade de São Paulo, e, por fim, de volta à sua terra, transforma-se em uma constelação.

O livro tornou-se um clássico da literatura brasileira. Houve quem enxergasse na amoralidade do personagem principal uma representação perfeita da índole do povo brasileiro.

O que é pouco divulgado é que Macunaíma é um importante personagem das histórias da mitologia dos grupos indígenas que habitam até hoje a região de fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Em 1911 e 1912, o antropólogo alemão Koch-Grünberg recolheu e publicou histórias desses índios no livro “Do Roraima ao Orinoco”, lançado na Europa em 1916. Mário de Andrade nunca escondeu que essa obra foi a fonte de inspiração principal para a redação de seu “Macunaíma”, lançado doze anos depois.

Existem histórias em que os heróis são corretos e incorruptíveis e que combatem vilões que encarnam o mal absoluto. Nas histórias dos índios, Macunaíma não se enquadra nessas classificações. Os resultados de suas ações são boas (como a criação dos homens e da geografia do lugar), mas nem sempre são boas suas intenções. Macunaíma faz trapalhadas, age de forma vil ao espalhar suas feridas pelos caminhos só para que os índios também se machuquem, engana o irmão para fazer sexo com a cunhada... e, às vezes, até age de forma nobre. Foi essa complexidade que atraiu a atenção de Mário de Andrade ao escrever sua obra mais conhecida.

O antropólogo alemão Koch-Grünberg, através dos índios Mayuluaípu, da tribo Taurepang, e Akúli, da tribo Arekuná, recolheu algumas narrativas das histórias originais de Makunaima.

Uma das principais características das histórias de Makunaima, narradas pelos índios Akúli e Mayuluaípu para Koch-Grünberg é a ausência de definição nos traços do personagem. Makunaima é extremamente corajoso em uma história e covarde em outra; resolve problemas de forma brilhante em certas ocasiões para mais tarde ser enganado de forma estúpida. É um herói. Um vilão. E também vítima, dependendo da ocasião.

Essas incoerências, essas múltiplas faces, não causam problemas na descrição da grande maioria dos seres humanos. Dos seres humanos reais, que já passaram todos por papéis variados durante suas vidas. Ela causa estranhamento se tentarmos encaixar as narrativas em um esquema onde o bem e o mal estão bem definidos e separados. Mário de Andrade sentiu-se atraído pela fluidez e heterogeneidade de Makunaima. Julgava-o perfeito para descrever as contradições da época de 1920. E por esse ponto de vista, o herói sem nenhum caráter permanece cada vez mais moderno.

Os índios Pemóns, que moram nas fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana, reconhecem Makunaima como um herói de seu povo. Os Pemóns dividem-se em diferentes tribos: os Taurepang, os Arekuná, os Macuxi e os Kamarakoto. Para os Pemóns, Makunaima não criou o mundo, mas o transformou de uma forma que os índios pudessem viver nele. Ao derrubar a árvore que dava todos os frutos, Makunaima espalhou as diversas frutas pela região. Foi ele também quem criou a cerâmica, ao fazer os homens do barro. Além disso conseguiu o fogo e com suas ações, moldou toda a geografia dessa área.

O que parece ser mais valorizado pelos índios Pemóns nessas histórias é a capacidade de transformação. Makunaima é mais criativo e adaptável a mudanças do que seus irmãos, por exemplo. Para se ter uma idéia do quanto isso é importante, é preciso lembrar que essa área onde vivem os índios Pemóns foi palco de disputas entre espanhóis, portugueses, holandeses, ingleses e de outras dezenas de grupos indígenas que, ao fugir dos invasores europeus, entravam em conflito com outros índios vizinhos.

E no fim, o que aconteceu com Makunaima? Um dos narradores indígenas conta que ele foi “para o outro lado do Roraima, onde está até hoje”.

**A mudança de grafia do nome do herói ou deus indígena varia conforme o autor. Koch-Grünberg usa Makunaima com “k” no lugar do “c” e sem acento no “i”. Já o Macunaíma de Mário de Andrade é com “c” e acento no “i”.*

CHARLES BREWER-CARIAS

Empresário, explorador, escritor, fotógrafo e espeleólogo, já dirigiu mais de 200 expedições à Guayana venezuelana. É um estudioso dos tepuyes e já escreveu oito livros sobre seus descobrimentos em geografia, antropologia, etnologia, botânica e espeleologia. Vinte e cinco espécies de plantas, além de artrópodes e répteis levam seu nome em homenagem e reconhecimento pelo seu trabalho de pesquisa. Fala a língua do yekuanas, habitantes da Amazônia venezuelana. É creditada a ele a descoberta, em 1976, do Vale dos Cristais, no monte Roraima. Segundo o venezuelano Brewer-Carias, os tepuyes são como “ilhas do tempo”.

ELIAKIN RUFINO

Inspirado nas belezas naturais de Roraima, na cultura indígena, nas lendas, nos costumes, na comida, nas tradições, surgiu na década de oitenta, em Boa Vista, um movimento músico-cultural chamado “Roraimeira”, que buscava exaltar e resgatar a cultura local. O objetivo principal do movimento era valorizar e preservar a cultura roraimense e que acabou influenciando outras formas de expressão artística como a literatura, a dança, o teatro, a fotografia e as artes plásticas. Encabeçavam esse movimento os poetas e músicos Eliakin Rufino, Zeca Preto e Neuber Uchôa.

O poeta, filósofo, professor e cantor roraimense Eliakin Rufino costuma, através de suas poesias, livros e letras de música, enaltecer a sua terra natal. Sua poesia fala não só das coisas de Roraima, mas também das coisas da Amazônia, das tradições, das lendas, dos costumes, da comida, dos índios, das paisagens, do lavrado...

Um exemplo disso podemos ver na letra da canção:

“Cidade do Campo”

Buriti do campo que prazer
Igarapé tão bom te conhecer
Boa Vista vai onde a vista vê
No verde do campo vi você

Correm mitos no vento
Pedra de Makunaima
Voa meu pensamento
Sobre o monte Roraima

Cidade do campo beira rio
Estrela do norte do Brasil
Cidade do campo entardecer
Boa Vista linda de se ver

Correm rios de tempo
Águas de Pacaraima
Montes em movimento
Coração de Roraima

(Música: Armando de Paula – Letra: Eliakin Rufino)

Eliakin é hoje, sem dúvida, um dos expoentes da cultura roraimense e procura mostrar esse seu jeito de ser, ver e gostar da terra onde nasceu e vive, através dos livros, CDs e shows que realiza Brasil afora.

“O MUNDO PERDIDO”

no cinema

A primeira versão para o cinema de “O Mundo Perdido” foi feita em 1925, nos Estados Unidos. O filme, dirigido por Harry O. Hoyt tinha no elenco Bessie Love, Lewis Stone, Wallace Beery, Lloyd Hughes, Arthur Hoyt e uma pequena participação do próprio Arthur Conan Doyle. Foi o primeiro filme acima de uma hora de duração que continha dinossauros, criação do técnico em efeitos especiais Willis H. O’Brien, um revolucionário no campo dos efeitos especiais na época. Os produtores criaram 49 monstros pré-históricos feitos de madeira e controlados por fios de borracha. Embora filmado em preto e branco, e mudo, foi um enorme sucesso. Na década de 30 Willis também participou da primeira versão do filme King Kong.

Em 1927, o major Luiz Thomaz Reis (1878-1940) acompanhava o marechal Rondon na chamada “Comissão Rondon”, encarregada de inspecionar fronteiras e de levar a comunicação ao sertão brasileiro através dos telégrafos. Durante a estada dessa comissão em Roraima, o marechal seguiu até o extremo norte, subindo o monte Roraima em 1927. Thomaz Reis era o cinegrafista oficial e registrou a subida ao monte através de um filme intitulado “Viagem ao Monte Roraima”, em que mostrava as dificuldades que a equipe teve na travessia de rios, matas e montanhas. A cena final mostra Rondon segurando a bandeira do Brasil, ladeado pelas bandeiras da Venezuela e Guiana, em meio ao numeroso grupo de índios que o acompanhava na expedição.

Na década de 60 houve um remake de O Mundo Perdido, em que os efeitos especiais eram supervisionados pelo mesmo Willis H. O’Brien do filme de 1925.

Na década de 90 surgiu uma série de TV produzida nos Estados Unidos, baseada na obra de Doyle e filmada na Austrália e Nova Zelândia.

O diretor Hector Babenco realizou em 1991 o filme “Brincando nos Campos do Senhor” através do Estúdio Universal. A trama, passada na floresta amazônica, em algumas tomadas aéreas utiliza-se das paisagens do Parque Nacional Canaima e do Salto Ángel, localizados na Venezuela.

Em 2001 foi feita uma nova adaptação da obra de Conan Doyle, para a BBC, com um elenco em que se destacava Bob Hoskins como o famoso professor Challenger. Ainda faziam parte do elenco Peter Falk, James Fox, Elaine Cassidy e Mathew Rhys.

Em resumo, a história do livro conta as aventuras de uma expedição científica, chefiada pelo pesquisador e professor Challenger, que deixa a Inglaterra no começo do século XX com destino

a uma remota região Amazônica com o objetivo de provar que neste local ainda havia dinossauros iguais aos que habitaram a Terra na pré-história.

UP – ALTAS AVENTURAS

O diretor de cinema Pete Docter revelou ter se inspirado no Monte Roraima e no salto Ángel (depois de visitá-los) para compor o cenário do novo filme de animação em 3D do estúdio Pixar em parceria com a Disney. O filme, que fez a abertura oficial do festival de cinema de Cannes em 2009, recebeu indicações ao Óscar e logo depois do lançamento nos Estados Unidos se transformou num campeão de bilheteria. Acabou recebendo o Óscar de melhor trilha sonora.

DOCTV

O jornalista e cineasta roraimense Thiago Briglia realizou em 2007 um documentário de 52 minutos - “Nas Trilhas de Makunaima”- exibido na TV pública em rede nacional por meio do programa do Ministério da Cultura intitulado DOCTV. O documentário retrata o mito indígena mais conhecido do extremo norte do país e sua relação com a montanha sagrada – o monte Roraima. A partir de narrativas dos índios Ingaricó, Taurepang e Macuxis, são apresentadas as diversas faces de Makunaima, um ancestral guerreiro dos índios de origem Karib, descrito como um deus da natureza por algumas etnias e a influência que este mito exerce nos hábitos e costumes destes povos. No filme, feito em grande parte sobre o monte Roraima, Briglia conduz e percorre com sua câmera as trilhas do monte, considerado o templo sagrado onde vive o espírito de Makunaima.

MONTE KUKENAN

O monte Kukenan, com 2.678m, localizado ao lado do monte Roraima, é também conhecido pelos índios Pemóns como Matawi-Tepuy, que significa “a montanha onde eu quero morrer”. O Kukenan é temido pelos Pemóns e é visto como assassino de homens, sempre esfomeado e querendo aniquilar almas. Espíritos ameaçadores que ali vagueiam, segundo a lenda, são de índios mortos em combate, numa antiga guerra que os Pemóns enfrentaram com invasores vindos das selvas onde hoje é a Guiana.

Eles acreditam que os espíritos dos índios inimigos mortos na antiga guerra vivem por lá, e, por isso, querem vingança. Por esse motivo a montanha é considerada assassina, pois os Pemóns crêem que essas almas comem humanos.

A lenda fala de uma sangrenta guerra que os Pemóns enfrentaram para defender as savanas e os tepuyes sagrados. Na batalha, os inimigos foram vencidos e o chefe deles sentiu tal desonra pela derrota que escalou o Kukenan até o cume e suicidou-se, saltando em queda livre para a morte do alto de seus paredões rochosos.

Por causa da lenda não é fácil conseguir guias Pemóns para subir a montanha. Os poucos que se arriscam o fazem por dinheiro, e em segredo, pois os chefes e anciãos Pemóns proíbem, pelas suas leis, qualquer visita ao Kukenan.

Embora fique localizado ao lado do monte Roraima, separado apenas por um profundo vale, o Kukenan é pouquíssimo visitado. A dificuldade de acesso ao topo tem como principal obstáculo as crenças dos Pemóns, os paredões íngremes e a falta de uma trilha que facilite o acesso, diferentemente do monte Roraima.

Porém, é igualmente belo e majestoso como seu irmão, o Roraima.

PARQUE NACIONAL DO MONTE RORAIMA

O Parque Nacional do Monte Roraima foi criado pelo Decreto nº 97.887, de 28 de junho de 1989, no governo do presidente José Sarney. Localiza-se ao norte de Roraima, no município de Uiramutã e possui uma área de 116.000 hectares, fazendo fronteira com a Venezuela e República da Guiana. Com a recente homologação da área indígena “Raposa-Serra do Sol”, o parque ficou inserido dentro da reserva.

O objetivo do parque é a proteção da flora, fauna e demais recursos naturais, características geológicas, geomorfológicas e cênicas da serra de Pacaraima. O acesso ao parque é controlado atualmente pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), permitido para visitação, educação e pesquisas científicas mediante autorização.

Também é dentro do Parque Nacional do Monte Roraima que se localiza o ponto extremo do norte do Brasil. Trata-se do monte Caburaí, com 1.465m de altitude, localizado a 84,5km acima do rio Oiapoque, no estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, que rio ostentava o título de ponto extremo do território brasileiro, e de onde vinha a expressão “Do Oiapoque ao Chui”.

Uma nova expedição foi organizada em 1998, envolvendo o Exército, Aeronáutica, IBGE, INCRA, IBAMA, FUNAI, UFRR, Departamento Estadual de Turismo, Assembléia Legislativa e Governo de Roraima, com o objetivo de corrigir o erro que perdurava por muitos anos nos livros didáticos. Com as novas medições efetuadas pela expedição com o uso de GPS, chegou-se a conclusão que o monte Caburaí está situado a 5°16'20'' de Latitude e 60°12'37,3'' de Longitude, constituindo-se dessa forma no ponto mais setentrional do Brasil e que deverá constar nos livros didáticos editados após 2002 a expressão - “Do Caburaí ao Chui” - e não mais “Do Oiapoque ao Chui”.

Os principais habitantes do parque são os índios Ingarikós, termo que, traduzido, quer dizer “habitantes das serras”.

PARQUE NACIONAL CANAIMA

O Parque Nacional Canaima está localizado no estado Bolívar, sul da Venezuela. Foi criado em 12 de junho de 1962 pelo então presidente Rômulo Betancourt e declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO no ano de 1994. Está sob a administração do Inparques (Instituto Nacional de Parques), ligado ao Ministério do Poder Popular para o Ambiente.

Possui uma área de 3.000.000 de hectares (maior que o território da Bélgica) e por seu tamanho é considerado o sexto maior parque nacional do mundo. Cerca de 65% do parque está ocupado por mesetas de rocha chamadas tepuyes. Estes constituem um meio ambiente único, apresentando também um grande interesse geológico. Suas montanhas escarpadas e suas quedas de água, incluindo o Salto Ángel (979 m), considerada a cachoeira mais alta do mundo, formam paisagens espetaculares.

As atrações principais do parque são, sem dúvida, o Monte Roraima e o Salto Ángel. Mas, mesmo quem vem só para conhecer o monte Roraima ou o Salto Ángel, dificilmente deixa de visitar as outras inúmeras atrações do parque. Quebrada de Jaspe, salto Kamá-Meru, salto Aponwao,

salto Pacheco, salto Yuruany, rápidos de Kamoirán, Kawanayén, são apenas algumas das belas surpresas que o parque nos reserva.

O acesso ao parque pela Venezuela é através do troncal 10 da rodovia Panamericana, chegando até a fronteira do Brasil, em Pacaraima. Pelo lado brasileiro, o acesso é pela BR 174 que liga Manaus, no Amazonas, até Pacaraima, cortando o estado de Roraima no sentido sul-norte, passando por vários municípios e pela capital Boa Vista. O Parque Canaima é bastante frequentado nos finais de semana pelos brasileiros que vivem em Roraima, principalmente no período de verão, quando buscam suas cachoeiras e rios de águas limpas para o lazer.

A GRANDE SAVANA

O inglês Russel Mittermeier é o chefe da Conservation International, uma das mais competentes e respeitadas organizações ambientais do mundo. Numa entrevista à revista brasileira Veja (edição 2.186 de 13 de outubro de 2010), perguntado pelo repórter sobre qual era o lugar mais bonito dos 141 países que já tinha visitado, ele respondeu: “Adoro o sul da Venezuela, é uma região fantástica, com mata virgem, cascatas gigantescas e os tepuyes, aquelas montanhas cujo topo é achatado, dando-lhes a aparência de uma mesa. É um pedaço lindíssimo do planeta”. Mittermeier se referia a La Gran Sabana, região ao sul da Venezuela, no estado Bolívar, fronteira com o Brasil, onde se localiza o monte Roraima e o Salto Ángel, as duas maiores atrações dessa fantástica paisagem.

La Gran Sabana está localizada no Planalto das Guianas e inserida dentro do Parque Nacional Canaima, um dos maiores do mundo, com três milhões de hectares. Milhares de turistas do mundo todo visitam La Gran Sabana todos os anos e se encantam com suas paisagens, tepuyes, cachoeiras e rios de águas cristalinas.

As mesmas paisagens da Gran Sabana podem ser encontradas no lado brasileiro em toda a fronteira norte do estado de Roraima com a Venezuela e Guiana. A savana brasileira faz parte da reserva Raposa-Serra do Sol e nela se encontra o ponto extremo do Brasil ao norte, o monte Caburáí, além da Serra do Sol, que dá nome à reserva. A região abriga ainda várias comunidades indígenas.

La Gran Sabana venezuelana é habitada pelos índios Pemóns (etnias Taurepang-Arekuna-Kamarakoto) há centenas de anos e eles fazem dela o seu habitat. Nos feriados prolongados na Venezuela é possível encontrar as ruas de Santa Elena de Uairén apinhadas de turistas. E centenas de visitantes filmando, fotografando e desfrutando das belas paisagens e dos banhos de cachoeira ao longo da estrada que corta o Parque Canaima. Realmente, como disse Mittermeier em sua entrevista, La Gran Sabana é um pedaço lindíssimo do nosso planeta.

SANTA ELENA DE UAIRÉN

A cidade foi fundada por Lucas Fernández Peña, no ano de 1923, quando chegou ao lugar em busca de diamantes. O nome é em homenagem a Elena, um de seus 23 filhos. Uairén significa, na língua indígena, pequeno recipiente em forma de canoa, usado para elaborar uma bebida fermentada da mandioca. Também é o nome de um pequeno riacho que atravessa a cidade.

Santa Elena é o núcleo populacional mais importante do município Gran Sabana. A cidade fica localizada ao sul do estado Bolívar, implantada a 907m de altitude, num vale rodeado de montanhas e somente a 15 km da fronteira com o Brasil, da cidade de Pacaraima, também chamada pelos venezuelanos de “La Línea”. A população de Santa Elena varia em torno de 20 mil habitantes e a temperatura média fica entre 25 e 28°C.

Possui um aeroporto com boa estrutura e a economia da cidade gira em torno do comércio, turismo e garimpo. Santa Elena, como área de livre comércio, tem uma boa rede hoteleira, com hotéis de vários níveis, pousadas, hospedarias, acampamentos, restaurantes, padarias, pizzarias, vendas de bebidas, postos de gasolina, supermercados, lanchonetes, eletrônicos, etc... Enfim, conta com todos os serviços de que um turista necessita para tornar a estada na cidade agradável e cômoda.

Um dos locais mais visitados em Santa Elena é a Catedral de Pedra, construída na metade do século passado com pedras dos arredores. A missão de Santa Elena é administrada pelos padres capuchinhos da ordem Franciscana.

A cidade é bastante movimentada, por receber grande número de turistas das outras regiões da Venezuela, bem como do Brasil e de outros países. É possível encontrar em Santa Elena e na Gran Sabana, americanos, alemães, franceses, canadenses, australianos, japoneses, italianos, etc...

Somente para conhecer o monte Roraima, calcula-se em torno de 3.000 turistas anualmente. Nos finais de semana e feriados prolongados muitos boavistenses “sobem a serra” para fazer compras em Santa Elena, abastecer os carros com uma das gasolinas mais baratas do mundo e se deliciar com os banhos nas cachoeiras da Gran Sabana, criando um intenso intercâmbio entre os dois países.

PACARAIMA

A cidade de Pacaraima, antigamente conhecida por BV-8, está localizada na região norte do estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela. A sua história e localização estão ligadas à demarcação da fronteira com o país vizinho, através da colocação de marcos divisórios colocados pelo Exército, entre eles, o marco BV 8. Pacaraima é passagem obrigatória para quem vem de Boa Vista e deseja conhecer a Venezuela, o monte Roraima e as praias do Caribe.

Fica distante 220 km de Boa Vista e o acesso é pela rodovia BR-174, totalmente asfaltada. Por estar implantada a 940 metros de altitude, a temperatura média anual oscila entre 21°C e 25°C, bem diferente do clima tropical quente de quase todo o restante do estado, em que a temperatura pode chegar facilmente aos 35°C.

Há um serviço regular de ônibus ligando Boa Vista à Venezuela, bem como serviço de vans e táxis que fazem o percurso diariamente. A população de Pacaraima gira em torno de 10 mil habitantes e a sua emancipação política deu-se em 17 de outubro de 1995, quando desmembrou-se do município de Boa Vista.

A base de sua economia é o comércio fronteiriço, funcionando como um entreposto comercial, atraindo compradores de bens de consumo do país vizinho.

Para quem vem de carro do Brasil e deseja conhecer a Venezuela, não é obrigatório o passaporte, apenas o RG, o certificado de vacinação contra febre amarela, que os documentos do

carro estejam no nome do condutor, além de uma licença do DETRAN (Departamento Nacional de Trânsito) com os dados do veículo.

Depois da polêmica questão da demarcação da reserva Raposa-Serra do Sol, a cidade de Pacaraima ficou inserida dentro da reserva indígena, criando dessa forma certo empecilho para o seu desenvolvimento. Recentemente, em 2010, o STF - Supremo Tribunal Federal, decidiu excluir a área urbana das terras demarcadas.

Pelo clima agradável de montanha que apresenta, muitos boavistenses possuem casa em Pacaraima, onde passam os finais de semana, aproveitando para descansar, fazer compras em Santa Elena de Uairén ou visitar a Gran Sabana.

Por outro lado, os vizinhos venezuelanos visitam Pacaraima para também fazerem compras, intensificando dessa forma o comércio entre as duas cidades fronteiriças. Nos feriados de Carnaval e Semana Santa é bastante intenso o movimento de carros venezuelanos não apenas em Pacaraima, mas também em Boa Vista.

Já se tornou tradicional em Pacaraima “A Micaraima”, o carnaval fora de época realizado uma semana depois do carnaval oficial. A festa reúne durante dois dias (sábado e domingo) milhares de pessoas, vindas não só de Roraima, bem como de Manaus e cidades da Venezuela. Bandas famosas do Brasil e da Venezuela agitam a festa que a cada ano reúne mais adeptos que dançam ao som de axés, sambas, salsas, merengues e reggatons.

SOBRE O AUTOR

O jornalista e fotógrafo Bruno Claudio Garmatz nasceu em Ibirubá/RS e vive em Boa Vista/RR desde 1983. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Federal de Roraima.

Em 2007 lançou seu primeiro livro “Conversando com Guillermo”, com 265pg de textos, fotos e documentos onde narra as aventuras do costarricense Guillermo Alfaro Garbanzo através de suas andanças pelo mundo nas décadas de 40-50 e 60 do século XX.

“Monte Roraima – A Morada de Makunaima” é o seu segundo livro, através do qual mostra toda a beleza do monte, bem como do entorno, incluindo informações gerais, históricas, geográficas e registros fotográficos da Venezuela, República da Guiana e do estado de Roraima.

“O Homem de Barlovento” é um romance de ficção que tem como trama uma história de amor e mistério e tem como pano de fundo Roraima, Goiás e a Venezuela.

“Escolhas Erradas” é outro romance de ficção, tendo como tema ambição, política e corrupção e desenrola-se no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul.

“Remanescente das Sombras” é um romance que narra a caçada a um fugitivo nazista da 2ª Guerra Mundial que vem se esconder em Boa Vista em 1959.

“Pérolas & Porcos” é um romance policial que aborda a corrupção em uma pequena cidade do interior do país.

“50 CAUSOS para alegrar seu dia” é um livro de crônicas, com personagens reais, de vários lugares do país.

“Mi Nombre Es...” é um livro que trata da migração venezuelana. São depoimentos de venezuelanos que vivem em Boa Vista, no qual eles contam como foi viver nos tempos de Chávez e Maduro e de como foi a experiência de sair e viver em outro país em busca de melhores condições de vida.

Já realizou várias exposições fotográficas e divulgação de livros em Boa Vista, bem como em algumas cidades do Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul.